

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE ARTES E LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM

LETRAS/PORTUGUÊS

LATIM VULGAR

4º semestre



Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

<i>Ministro do Estado da Educação</i>	Fernando Haddad
<i>Secretária da Educação Superior</i>	Maria Paula Dallari Bucci
<i>Secretário da Educação a Distância</i>	Carlos Eduardo Bielschowsky

Universidade Federal de Santa Maria

<i>Reitor</i>	Clóvis Silva Lima
<i>Vice-Reitor</i>	Felipe Martins Muller
<i>Chefe de Gabinete do Reitor</i>	João Manoel Espina Rossés
<i>Pró-Reitor de Administração</i>	André Luis Kieling Ries
<i>Pró-Reitor de Assuntos Estudantis</i>	José Francisco Silva Dias
<i>Pró-Reitor de Extensão</i>	João Rodolfo Amaral Flores
<i>Pró-Reitor de Graduação</i>	Jorge Luiz da Cunha
<i>Pró-Reitor de Planejamento</i>	Charles Jacques Prade
<i>Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa</i>	Helio Leães Hey
<i>Pró-Reitor de Recursos Humanos</i>	João Pillar Pacheco de Campos
<i>Diretor do CPD</i>	Fernando Bordin da Rocha

Coordenação de Educação a Distância

<i>Coordenadora de EaD</i>	Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso
<i>Vice-Coordenadora de EaD</i>	Roseclea Duarte Medina
<i>Coordenador de Pólos</i>	Roberto Cassol
<i>Gestão Financeira</i>	José Orion Martins Ribeiro

Centro de Artes e Letras

<i>Diretor do Centro de Artes e Letras</i>	Edemur Casanova
<i>Coordenador do Curso de Graduação em Letras/Português</i>	Ceres Helena Ziegler Bevilaqua

Elaboração do Conteúdo

<i>Professor pesquisador/conteudista</i>	Leila Teresinha Maraschin
--	---------------------------

Equipe Multidisciplinar de Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação - ETIC

Coordenador da Equipe Multidisciplinar

Carlos Gustavo Matins Hoelzel
Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso
Rosiclei Aparecida Cavichioli Laudermann
Silvia Helena Lovato do Nascimento
Volnei Antônio Matté
Ronaldo Glufke
André Krusser Dalmazzo
Edgardo Gustavo Fernández

Desenvolvimento da Plataforma

Gestão Administrativa

Marcos Vinícius Bittencourt de Souza

Gestão do Design

Ligia Motta Reis

Designer

Diana Cervo Cassol

Evandro Bertol

ETIC - Bolsistas e Colaboradores

Orientação Pedagógica

Elias Bortolotto
Fabrício Viero de Araujo
Gilse A. Morgental Falkembach
Leila Maria Araújo Santos

Revisão de Português

Andrea Ad Reginatto
Maísa Augusta Borin
Marta Azzolin
Rejane Arce Vargas
Samariene Pilon
Silvia Helena Lovato do Nascimento

Ilustração

Cauã Ferreira da Silva
Evandro Bertol
Júlia Rodrigues Fabrício
Mariana Rotilli dos Santos
Natália de Souza Brondani

Diagramação

Criscia Raddatz Bolzan
Gabriel Barbieri
Leonardo Moreira Fabrin
Luiza Kessler Gama
Naieni Ferraz
Victor Schmitt Raymundo

Suporte Técnico

Adílson Heck
Ândrei Componogara
Bruno Augusti Mozzaquatro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1ª semana	
FILOLOGIA – HISTÓRIA E DEFINIÇÃO.....	6
crítica textual, baixa crítica ou crítica documental	7
alta crítica	7
filologia clássica	8
filologia germânica	8
filologia românica.....	8
filologia portuguesa	8
O MÉTODO COMPARATIVO.....	9
os fundadores do método comparativo	9
o método histórico-comparativo.....	10
2ª semana	
FAMÍLIAS DE LÍNGUAS.....	14
AS ORIGENS, O IMPÉRIO ROMANO E OS LATINOS.....	17
o processo de romanização	18
3ª semana	
AS INVASÕES GERMÂNICAS E A FRAGMENTAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO.....	20
os germanos	20
FASES HISTÓRICAS E MODALIDADES DE LATIM.....	24
por que foi usado o latim nas ciências?	25
4ª semana	
LATIM VULGAR E SUAS FONTES DOCUMENTAIS	27
as fontes do latim vulgar: uma representação da fala na escrita.....	29
INFLUÊNCIAS DE SUBSTRATOS, SUPERSTRATOS E ADSTRATOS.....	33
vejamos um pouco da história dos árabes:.....	34
5ª semana	
OS FALARES ROMANÇOS.....	37
LÍNGUAS ROMÂNICAS NACIONAIS E REGIONAIS	40
6ª semana	
HISTÓRIA DO PORTUGUÊS.....	43
história da ortografia portuguesa.....	44
PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE O PORTUGUÊS E O LATIM	48
7ª semana	
A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO PORTUGUÊS.....	51
o léxico do português.....	52
METAPLASMOS	55
8ª semana	
ESTUDO DE TEXTOS ARCAICOS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
bibliografia complementar para leitura e pesquisa:.....	61
websites:.....	62
anexo	
MINI-GLOSSÁRIO	63

INTRODUÇÃO

Seja bem-vindo à disciplina de Latim Vulgar. Vamos conhecer um pouco mais a história da língua que deu origem ao Português!

O objetivo desta disciplina é oferecer aos alunos do Curso de Licenciatura em Letras/Português um aprofundamento maior dos conhecimentos sobre a cultura e a língua dos antigos romanos. Esta disciplina tem como pré-requisito o *Latim Básico*. A partir das noções fundamentais da gramática latina e levando em conta fatores extralinguísticos, veremos como as variantes populares faladas do idioma romano se desdobraram em novas línguas, dentre as quais o Português. As aulas estão divididas em 15 módulos, equivalentes a 4 horas-aula cada um. Os conteúdos incluem leituras teóricas sobre a história do latim, com ênfase à variante popular, bem como a participação dos alunos em atividades individuais.

Estudar a história de uma língua é acompanhar todo o seu desenvolvimento ao longo do tempo, percebendo seu uso nos diversos contextos, suas características e transformações. Podemos estudá-la apenas “por dentro”, isto é, descrevendo apenas a evolução da sua “gramática”: sons, léxico, morfologia, sintaxe, semântica e estilística.

Porém, muitos fenômenos de sua transformação ficariam inexplicáveis, pois não observaríamos os fatores que teriam motivado as mudanças, como os acontecimentos do meio social, as questões políticas e administrativas, as influências e os empréstimos de outras línguas e de outras culturas.

O latim vulgar, como você sabe, é uma das modalidades da língua dos antigos romanos, a variante popular falada. Isto para nós tem a maior importância, pois, foi esta fala que se transformou na língua portuguesa.

Na disciplina de Latim Vulgar, cabe-nos estudar a história da nossa língua portuguesa de forma mais abrangente. Vamos, então, entrar no túnel do tempo e fazer uma longa viagem ao passado para ver como tudo teria começado. Quem foram os estudiosos desta área? O que eles buscavam e o que descobriram? Como podemos compreender melhor a nossa língua de hoje a partir do seu passado? Será que todos os brasileiros falam latim e nem sabem disso? Estas e outras perguntas poderão ser respondidas durante este semestre. Portanto, participe, leia, pergunte, contribua com as discussões.

Esperamos que esta disciplina possa auxiliá-lo no seu crescimento como futuro profissional de Letras. Esperamos também poder interagir com você durante os nossos encontros, trocando idéias, manifestando opiniões, enfim, tentando estabelecer o maior número possível de relações entre o passado e o presente da nossa língua e da nossa cultura.

Desejamos que você tenha um ótimo aproveitamento! Bons Estudos!

1ª semana

Aula 1 – módulo equivalente a 4 horas – aula

FILOLOGIA – HISTÓRIA E DEFINIÇÃO

Nesta aula serão abordados os seguintes itens: introdução à história dos estudos linguísticos, a Filologia e as disciplinas equivalentes, o método histórico-comparativo.

O objetivo é oferecer ao aluno um panorama geral sobre a disciplina de Latim Vulgar.

Material de apoio: textos informativos e artigos científicos.

Os conteúdos de Latim Vulgar, em alguns cursos de Letras, são ministrados em uma disciplina chamada Filologia Românica, ou então Linguística Românica. O nome não importa, o que devemos considerar são os conhecimentos que esta área nos traz. Entretanto, para que você tenha informações bem completas sobre este assunto, comecemos com a explicação de alguns termos.

Filologia é uma palavra do grego antigo, formada pelos seguintes radicais: *filos* = amigo + *logos* = estudo. Durante muitos séculos, foi usada no sentido de “amor ao estudo, à instrução, à erudição”.

O **filólogo** era, na antiguidade, alguém dedicado aos estudos, que buscava aperfeiçoar-se no conhecimento da cultura humana escrita.

Mais tarde, a filologia passou a ser considerada a ciência que estuda, historicamente, uma língua, literatura, cultura ou civilização, com base em documentos. Tais documentos podem ser textos escritos em pergaminhos, papiros avulsos, livros e também inscrições feitas em pedras, metais, construções e outros materiais. Na atualidade, o profissional de filologia é também um linguista, ele trabalha em universidades, academias de Letras, editoras e instituições de ensino e pesquisa ligadas à língua e à cultura da humanidade. Ele continua sendo alguém dedicado aos estudos, acompanhando as inovações e adaptando seus conhecimentos de forma dinâmica.

Certamente, os filólogos do futuro vão nos estudar também pelos documentos que estamos produzindo hoje: nossos cds, dvds, e-mails, etc; pois os meios tecnológicos não excluem nossa cultura, ao contrário, ampliam nossas inter-relações. Neste momento em que estou diante de um teclado de computador, digitando as palavras que quero dizer a você, eu poderia estar escrevendo-as em um papel que lhe seria entregue por um carteiro. Ou então poderia apenas falar, gravar o texto em algum formato qualquer, com ou sem minha imagem, e você o receberia agora mesmo, ou depois, não importa quando, nem como. O documento é o texto, é ele que revela qual é a nossa língua, sobre o que estamos tratando e o que queremos exprimir através dela. É o texto que constitui o material de trabalho para os filólogos de todos os tempos.

A filologia foi uma das primeiras ciências do século XIX a se aproximar da linguagem humana de forma mais sistemática. No século XX, por influência de Ferdinand de Saussure, a filologia deu rumo à moderna ciência da **Linguística**. Hoje, em alguns cursos de Letras no Brasil, os conteúdos da filologia, tais como famílias de línguas, estudos literários, morfologia e fonologia históricas, são áreas de estudo da *Linguística Histórica*. Há também instituições que, infelizmente, não oferecem estes conhecimentos aos alunos. Até extinguíram as disciplinas de latim e filologia. No curso de Letras da UFSM, preocupando-nos com uma formação ampla para nossos futuros professores de língua portuguesa, inserimos no currículo a disciplina de Latim Vulgar. Ao concluí-la, você poderá, com orgulho, “sentir-se também filólogo”, ainda que só um pouquinho.

Parte da filologia estuda os textos sob os aspectos material e crítico, como a Edótica, a Crítica Textual, a Paleografia e a Epigrafia. A filologia aborda problemas como datação, localização e edição de textos, apoiada na história, na linguística, na gramática, na estilística e também na arqueologia.

Vejamos, a seguir, algumas das subdivisões da Filologia.

CRÍTICA TEXTUAL, BAIXA CRÍTICA OU CRÍTICA DOCUMENTAL

É o estudo dos textos antigos e de suas alterações ao longo do tempo. A sua tarefa é reconstituir o texto de forma que seja o mais fiel possível ao original, com base nos documentos disponíveis. Por exemplo, se tivéssemos várias cópias de determinada obra escrita na Roma antiga, nosso trabalho seria compará-las, analisá-las cuidadosamente, para ver qual delas teria sido escrita ou editada primeiro (algo como “procurar o primeiro rascunho”).

ALTA CRÍTICA

É a denominação dada aos estudos críticos da *Bíblia*. Sua abordagem trata a *Bíblia* como uma obra literária, utilizando-se do aparato crítico normalmente aplicado a textos literários semelhantes. Focaliza os textos bíblicos, considerando os autores, o processo de formação editorial, a transmissão histórica e o contexto. Caracteriza-se por não partir do dogma para efetuar suas análises. Por exemplo, se fôssemos realizar um estudo da Bíblia dentro da *Alta Crítica*, mesmo acreditando no caráter sagrado da Escritura, deveríamos nos manter neutros, isto é, nossa crença religiosa não seria um fator relevante neste caso, não poderia interferir no nosso trabalho. É nesta linha de pensamento que ainda hoje muitos sociólogos, historiadores e cientistas em geral estudam detalhadamente o material bíblico. E isto não exclui o respeito que se deve ter aos religiosos que encontram na Bíblia, ou em qualquer outro material “sagrado”, o apoio para sua fé.

FILOLOGIA CLÁSSICA

É o ramo da filologia que estuda os sistemas linguísticos da Antiguidade Clássica, especialmente do *latim* e do *grego antigo* e da *literatura* destas civilizações. Filologia Clássica, na verdade, foi o nome dado a uma disciplina acadêmica que os alemães, no século XIX, fundaram, com o objetivo de estudar profundamente os textos escritos em grego e latim. Depois da Filologia Clássica, outras disciplinas começaram a surgir, como uma espécie de ramificação.

FILOLOGIA GERMÂNICA

É aquela que estuda a cultura dos povos que falam línguas germânicas (alemão, dinamarquês, holandês, inglês, islandês, norueguês, sueco, etc.). A expressão "*línguas germânicas*" foi criada por Franz Bopp, em 1816, e referia-se a uma família de línguas derivadas do indo-europeu.

FILOLOGIA ROMÂNICA

É o estudo histórico e comparativo das línguas oriundas do latim; ocupa-se da análise, interpretação e edição de textos das chamadas línguas românicas (francês, italiano, espanhol, português, romeno, etc.). Na prática, é o estudo das transformações do latim até as línguas modernas que dele derivaram. Também é utilizada como sinônimo de *Romanística* ou *Linguística Românica*.

FILOLOGIA PORTUGUESA

É o estudo da língua portuguesa no tempo e no espaço, tomando como auxiliar a sua literatura, enquanto documento formal. É como uma ramificação da Filologia Românica, pois o português é uma língua originária do latim.

Nos programas de muitos cursos de Letras, a disciplina denominada Filologia Portuguesa visa ao estudo sincrônico e diacrônico da língua portuguesa; da história da literatura; da versificação; da crítica textual aplicada a textos de língua portuguesa.

Nos cursos de Letras da Universidade Federal de Santa Maria, os conteúdos da área de filologia românica são trabalhados na disciplina de *Latim Vulgar*. Na nossa disciplina de Latim Vulgar, vamos trabalhar os conteúdos básicos da filologia românica e também os da filologia portuguesa.

Aula 2 – módulo equivalente a 4 horas-aula

O MÉTODO COMPARATIVO

Nesta aula será abordado o seguinte item: o método histórico-comparativo.

O objetivo é oferecer ao aluno informações básicas a respeito da história dos estudos linguísticos.

Material de apoio: textos informativos e artigos científicos.

Atividade: fórum para discussão e ampliação das informações.

Na aula anterior, falamos sobre a Filologia. Agora, vamos examinar um dos métodos mais importantes para que ela e também a linguística se tornassem disciplinas. Para qualquer estudo que queremos realizar, ou para que consigamos atingir determinado objetivo, precisamos seguir algum caminho, não é mesmo?

Assim como um atleta precisa de muito treino para vencer uma competição esportiva, um estudioso precisa vencer determinadas etapas para atingir seu objetivo. Por exemplo, se um biólogo quer descobrir algo sobre uma espécie, ele deve observá-la desde o princípio, acompanhando todas as suas fases e fazendo anotações. Se você quer aprender a falar uma língua estrangeira, deve entrar em contato com os falantes dela, ouvir os sons, praticar a pronúncia, ler textos, aprender normas, enfim, deve buscar meios para atingir seu objetivo. Os estudiosos das línguas antigas não possuíam muitos meios para aprendê-las, pois delas havia restado muito pouco, às vezes nada. Mas elas haviam existido e originado outras tantas línguas. Era isso que os intrigava. Começaram, então, a tentar reconstruí-las, reunindo fragmentos, comparando-as e supondo formas.

O método comparativo surgiu no século XIX e possui grande importância para a história dos estudos linguísticos, pois foi a partir dele que a Linguística passou a ser reconhecida como uma ciência. Até então, os estudos linguísticos eram realizados de forma pouco sistemática, sem os requisitos fundamentais para que os trabalhos pudessem ser considerados “científicos”.

OS FUNDADORES DO MÉTODO COMPARATIVO

No começo do século XIX, o sânscrito, antiga língua indiana, despertou a curiosidade dos estudiosos europeus, que começaram a estudá-lo em comparação com outras línguas antigas. Nestes estudos, foram confirmadas muitas semelhanças entre estas línguas e o sânscrito, o que motivou os estudos comparativos de suas gramáticas.

Em 1816, Franz Bopp publicou um livro chamado *Sistema de conjugação da língua sânscrita comparado com o grego, o latim, o persa e o germânico*. Embora vários outros estudiosos já haviam realizado pesquisas sobre semelhanças entre o sânscrito e as línguas da Europa, Bopp teria sido o primeiro autor que reuniu as provas da origem comum das línguas apresentando um conjunto coerente de regras.

O resultado de todos estes estudos chamou-se **Gramática Comparada**, porque as pesquisas eram feitas através do material escrito que tratava da estrutura das línguas antigas. Autores como o dinamarquês Rasmus Rask, que realizou um trabalho paralelo e independente ao de Bopp, e o inglês William Jones, que, quando exerceu a função de juiz na Índia, fez várias anotações sobre as línguas hindus, também merecem ser citados. Além destes, outros nomes importantes são os dos alemães Jacob e Wilhelm Grimm, que recolheram centenas de contos do folclore germânico transmitidos até então pela tradição oral. Os irmãos Grimm perceberam que, de uma aldeia para outra, havia marcas dialetais significativas no alemão falado.

Aos poucos, a nova ciência foi sendo reconhecida por um grande número de investigadores interessados no passado das línguas. Seu empenho foi tanto, que chegaram a nutrir a esperança de reconstruir, através da comparação, a mais primitiva fase da língua da humanidade, o sistema que teria sido perfeito em todos os aspectos e que depois teria sido corrompido por causa da diversidade dos falares.

Outro linguista que se destacou entre os comparatistas foi August Schleicher. Botânico inicialmente, ele aplicou à linguística as então recentes teorias evolucionistas de Charles Darwin. A língua, segundo Schleicher, devia ser considerada um organismo natural, com existência própria, independente dos seres que a utilizavam.

Usando os mesmos critérios das ciências naturais, Schleicher elaborou um método rigoroso de análise linguística. Comparando formas de várias línguas, ele expôs com clareza a questão do parentesco entre as antigas línguas da Índia e da Europa, apresentando-as em forma de uma árvore genealógica de cujos troncos primitivos teriam partido ramos que, por sua vez, teriam originado sub-ramos e sucessivas divisões. Mais adiante, quando estudarmos as famílias de línguas, utilizaremos a metáfora da árvore para representar as línguas do mundo.

O MÉTODO HISTÓRICO-COMPARATIVO

Imagine se você, passeando pela sua região, encontrasse os restos de um esqueleto muito antigo. Você não teria vontade de juntar estas peças e tentar reconstruir a estrutura original? Você, certamente, iria começar a unir os ossos, pesquisar mais, pedir ajuda aos seus colegas, enfim, tentar montar o seu dinossauro, não é mesmo? E se quiséssemos saber como eram as línguas que as pessoas falavam há muitos mil anos atrás e não tivéssemos nem uma letra escrita, como faríamos?

Questões como estas levaram os linguistas do final do século XVIII e início do século europeu, a língua-tronco XIX a buscar uma resposta para as suas indagações. Tratava-se da reconstrução do indo-europeu, do qual a maior parte das línguas do mundo seriam ramificações. O material disponível, cuja análise permitiu chegar a indicações aproximadas, foi coletado em fontes documentais es-

critas, como o sânscrito, o grego e o latim, bem como por elementos semelhantes que inúmeras línguas vivas possuíam. Assim, eles juntaram os textos mais antigos que encontraram, começaram a comparar as línguas e descobriram que havia muitas palavras com raízes iguais ou muito próximas em diversas línguas. Vejamos, por exemplo, as palavras “mãe” e “pai”:

SÂNSCRITO	GREGO	LATIM	FRANCÊS	INGLÊS	ESPAÑHOL	ITALIANO	ALEMÃO
<i>matar</i>	<i>méter</i>	<i>mater</i>	<i>mère</i>	<i>mother</i>	<i>madre</i>	<i>madre</i>	<i>mutter</i>
<i>pitar</i>	<i>pater</i>	<i>pater</i>	<i>père</i>	<i>father</i>	<i>padre</i>	<i>padre</i>	<i>vater</i>

O fato de estas línguas, tão distantes no tempo e no espaço, apresentarem traços semelhantes fez com que os estudiosos concluíssem que todas elas seriam originárias de um mesmo idioma. Apesar de tais conclusões possuírem seus fundamentos, convém lembrar que elas são apenas hipóteses, sem nenhum documento que confirme a existência da tal língua primitiva. Nesse sentido, as línguas românicas (descendentes do latim) contribuem afirmativamente, uma vez que delas é possível conhecer a história e dispor de dados concretos, pois existem vários fragmentos de textos latinos escritos em linguagem popular (latim vulgar).

De acordo com VIDOS (1968, p.19), é com o desenvolvimento da linguística românica que o método comparativo se torna uma realidade científica. A partir desta fase, esse método fica conhecido como “histórico-comparativo”, porque a linguística românica estuda a língua originária das línguas românicas, o latim vulgar, a partir do qual se tornou possível acompanhar os desdobramentos das línguas dessa família linguística.

Vejamos algumas considerações sobre o método histórico-comparativo em relação às línguas vindas do latim. Muitos romanistas pronunciaram-se a favor das línguas românicas como “fonte principal para o conhecimento do latim vulgar”. De fato, seu conjunto permite chegar às origens com um grau de probabilidade bastante grande. Assim, tomando os dados de quatro línguas românicas, poderíamos reconstruir a protolíngua, o latim vulgar:

LATIM VULGAR	FRANCÊS	ITALIANO	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>caballus</i>	<i>cheval</i>	<i>cavallo</i>	<i>caballo</i>	<i>cavalo</i>
<i>causa</i>	<i>chose</i>	<i>cosa</i>	<i>cosa</i>	<i>coisa</i>
<i>clavis</i>	<i>clef</i>	<i>chiave</i>	<i>llave</i>	<i>chave</i>
<i>flia</i>	<i>fille</i>	<i>figlia</i>	<i>hija</i>	<i>filha</i>
<i>octo</i>	<i>huit</i>	<i>otto</i>	<i>ocho</i>	<i>oito</i>
<i>planta</i>	<i>plante</i>	<i>pianta</i>	<i>llanta</i>	<i>planta</i>
<i>pluvia</i>	<i>pluie</i>	<i>pioggia</i>	<i>lluvia</i>	<i>chuva</i>

Observa-se que, quando as palavras apresentam diferenças entre as línguas, dentro da mesma língua há uma certa regularidade. Por exemplo, quanto ao grupo consonantal *ct*: no francês e no português, ocorreu ditongação (*octo* > *huit* e *oito*); no italiano, duplicação (*octo* > *oito*); e no espanhol, palatização (*octo* > *ocho*). Os fenômenos que ocorrem no interior de cada língua podem encontrar explicações na história externa dessas línguas, como questões referentes ao meio onde elas se desenvolveram e se fixaram.

Outro exemplo é a palavra *orelha* (*oreja*, no espanhol; *oreille*, no francês; *orecchia*, no italiano; *orella*, no catalão; *auriho*, no provençal; *ureche*, no romeno), a qual dificilmente teria vindo do latim clássico *auris*. Se fôssemos reconstruir a palavra primitiva no latim vulgar, diríamos que ela veio do diminutivo “*auricula*”, pois, no latim popular, havia preferência de uso dos diminutivos. Se assim fosse, nem precisaríamos supor uma forma para o latim vulgar, pois a palavra “*auricla*” aparece em obras dos escritores Plauto, Plínio e Festo, bem como em outros fragmentos escritos da Roma antiga.

As línguas românicas não reconstroem sozinhas o latim vulgar, mas servem para confirmá-lo, como elementos de verificação, assim como também os textos podem servir para confirmar reconstruções hipotéticas feitas pelo método comparativo. O método histórico-comparativo, portanto, desempenha um papel de coadjuvante na investigação do latim vulgar. Por um lado, há os textos que contêm marcas da fala popular dos romanos e, por outro, há as línguas vivas que se formaram com base no latim vulgar.

Resumindo, então, lembremos os seguintes itens mais importantes desta aula:

- 1º)** O método comparativo, desenvolvido no início do século XIX, visava, através da análise do parentesco entre o sânscrito, o grego, o latim, o persa e o germânico, a reconstruir a língua primitiva, da qual a maioria das línguas usadas no mundo teriam “brotado”, como se fossem ramos.
- 2º)** O método comparativo só foi reconhecido como “verdadeiramente científico” quando começou a ser utilizado pela linguística românica na reconstituição do latim vulgar. Desse modo, o conjunto das línguas românicas passou a fazer parte das fontes que documentam essa variedade do latim. A situação do latim vulgar difere da do indo-europeu, porque este teve de ser refeito baseado em hipóteses, enquanto aquele possui registros escritos, os quais ajudam a confirmar as hipóteses.

- 3º)** O esforço dos primeiros comparatistas não deve ser desprezado, pois, apesar dos muitos exageros que cometeram, deve-se a eles o início dos estudos linguísticos de maneira sistemática, o que depois foi se desenvolvendo gradualmente e tomando rumos mais abrangentes. Se a reconstituição do indo-europeu através do método comparativo hoje não passa de ficção, o mesmo não vale para o latim vulgar ou quaisquer outras línguas das quais se tenha, mesmo rara, alguma evidência escrita que sirva de complemento.

2ª semana

Aula 3 – módulo equivalente a 4 horas-aula

FAMÍLIAS DE LÍNGUAS

Nesta aula será abordado o seguinte item: famílias de línguas.

O objetivo é oferecer ao aluno informações básicas sobre a história do estudo das línguas.

Material de Apoio: textos e mapas.



Figura 1 - Família de línguas.

Família, na área dos estudos linguísticos, é um termo usado para agrupar as línguas de acordo com a sua origem comum. Expressões como *parentesco genético*, *tronco*, *mãe*, *ramos* e outras deste campo foram utilizadas pelos estudiosos do século XIX, que, influenciados pela teoria evolucionista de Charles Darwin, usaram os mesmos critérios das ciências biológicas para classificar as línguas. Convencionou-se, desde então, referir-se às línguas como pertencentes a uma tal família, ramo ou sub-ramo. Assim, por exemplo, diz-se que português, francês, italiano, romeno e espanhol são línguas *irmãs* e descendem, pelo ramo itálico, da *família* indo-europeia do *tronco* euro-asiático. Se aplicarmos este critério às línguas indígenas do Brasil, poderemos também montar uma árvore e dizer que as famílias tupi-guarani, juruna, tupari e ramarama pertencem ao tronco tupi.

Como vimos na primeira aula, os estudos linguísticos começaram a ser realizados de forma sistemática a partir de 1816, quando Franz Bopp publicou um ensaio sobre o sistema de conjugação do sânscrito comparado com o grego, o latim, o persa e o germânico. Vários estudiosos já o haviam antecedido em investigações sobre semelhanças entre as antigas línguas escritas da Europa e da Índia, como o juiz inglês William Jones, que, em um discurso em Calcutá, escreveu suas observações a respeito do sânscrito, e o dinamarquês Rasmus Rask, que realizou um trabalho paralelo e independente ao de Bopp. (MOUNIN, 1970, p. 161). Isso sem contar as inúmeras especulações, realizadas muito antes, em busca da protolíngua uni-

versal, ou pré-babélica; todas, porém, sem o critério da cientificidade e sob forte influência de ideologias religiosas e nacionalistas.

A história considera o alemão Franz Bopp como o principal organizador do estudo das línguas, porque ele teria sido o primeiro a reuni-las pelas características que elas possuíam em comum. Foi neste tempo que se constituiu uma disciplina chamada Filologia Clássica, a partir da investigação minuciosa de textos antigos. Do estudo contrastivo dos elementos que compunham as línguas, também surgiu a gramática comparada, para a qual contribuíram vários trabalhos, como o realizado pelos irmãos Grimm, que registraram contos do folclore germânico transmitidos até então apenas pela tradição oral. Aos poucos, a nova ciência foi sendo reconhecida por um número cada vez maior de interessados no passado das línguas. O empenho foi tanto que os estudiosos acreditavam poder reconstruir, através da comparação, o mais primitivo estágio da língua da humanidade, o sistema que seria perfeito em todos os aspectos. Na visão de Bopp, a diversidade das línguas teria sido causada pela corrupção da língua original pelos falares populares. (LEROY, 1971)

Outro estudioso que se destacou nesse contexto foi o botânico e linguista August Schleicher, que já foi mencionado anteriormente. A língua, segundo ele, devia ser considerada um organismo natural, com existência própria, independente dos seres que a utilizavam. Com tal pressuposto, Schleicher elaborou um método rigoroso de análise linguística. Comparando as formas das línguas, expôs a questão do parentesco entre as línguas indo-europeias e apresentou-as em uma **ÁRVORE GENEALÓGICA**, de cujos troncos primitivos teriam partido ramos que, por sua vez, teriam originado sub-ramos e sucessivas divisões. O material disponível para aplicar este método comparativo foi fornecido por fontes escritas, como o sânscrito, o grego e o latim, bem como por elementos semelhantes que inúmeras línguas vivas possuíam.

O fato de essas línguas, tão distantes no tempo e no espaço, apresentarem traços semelhantes, levou os estudiosos a concluir que seriam todas originárias de uma mesma língua primitiva. Apesar de tais conclusões possuírem seus fundamentos, o indo-europeu continua sendo uma língua hipotética, sem nenhum documento que confirme a sua real existência. Mais tarde, o método comparativo obteve melhores resultados, ao ser utilizado para testar a origem das línguas neolatinas, comparando-as entre si e confirmando-as nos fragmentos de textos do latim vulgar. Assim, o método funcionou como coadjuvante. Já para o indo-europeu, houve apenas a tentativa de encontrar a protolíngua, pois nenhum texto escrito foi encontrado. (SILVA NETO, 1977) Tanto a tese indo-europeísta do século XVIII quanto a teoria da monogêse, que atualmente busca relações entre evolução genética e evolução linguística de grupos humanos (ECO,

SAIBA MAIS

Visualize a **árvore genealógica** da língua portuguesa, no site <http://cvc.instituto-camoes.pt/tempolingua/04.html>

Se você quer descobrir mais algumas curiosidades sobre as línguas do mundo, acesse os seguintes sites:

http://super.abril.com.br/superarquivo/1990/conteudo_112118.shtml

http://super.abril.com.br/superarquivo/2000/conteudo_132539.shtml

2002), consideram a existência de uma língua primitiva, da qual se originariam, incessantemente, ramos, sub-ramos e variedades de línguas. Fatores espaciais e temporais, migrações, hábitos linguísticos e culturas diferentes são tidos como algumas das causas geradoras da divisão da língua-tronco em diversos outros sistemas. Os linguistas atuais utilizam gráficos computadorizados para visualizar a metáfora da árvore, conservando, assim, a ideia de que as línguas se interligam como os integrantes de uma família. As famílias de línguas do mundo, a partir de suas origens, podem hoje ser consideradas as seguintes, de acordo com as pesquisas mais recentes:

LÍNGUA-TRONCO	RAMOS SUB-RAMOS
EURO-ÁSIÁTICO	<i>INDO-EUROPEU > Albanês, Anatólio, Armênio, Báltico, Céltico, Eslavo, Germânico, Helênico, Indiano, Iraniano, Itálico, Tocário</i>
EURO-ÁSIÁTICO	<i>COREANO, ESQUIMÓ, ALEUTIANO, GULIAK, JAPONÊS, TCHOUTCHI-KAMTCHADAL</i>
NOSTRÁTICO	<i>AFRO-ASIÁTICO > Egípcio, Chádico, Berbere, Semítico</i>
SINO-CAUCASIANO	<i>Sino-Tibetano, Norte-Caucasiano, lenisseiano, Hurrita, Urartiano, Hatti, Etrusco, Basco</i>
AMERÍNDIO	<i>Sul-Americano e Norte-Americano</i>
INDO-PACÍFICO	<i>Andaman, Papua, Tasmaniano</i>
ÁUSTRICO	<i>DaiaK, Austro-Asiático, Miao-Yao</i>
TRONCO DESCONHECIDO	<i>Australiano, Nilo-Saariano, Khoisan, Niger-Kordofaniano, Niger-Congolês</i>

Aula 4 – módulo equivalente a 4 horas-aula

AS ORIGENS, O IMPÉRIO ROMANO E OS LATINOS

Nesta aula será abordado o seguinte item: a romanização e a expansão do latim.

O objetivo é oferecer ao aluno informações históricas sobre o processo de divulgação da cultura romana nas regiões conquistadas.

Material de Apoio: textos especializados

Atividades: exercícios e participação no fórum

A civilização romana teria surgido entre os séculos X e VIII a.C. de aldeias formadas pelos etruscos, os mais antigos habitantes da Itália, e por pastores indo-europeus que se fixaram na região do antigo Lácio. Os romanos, belicosos e politicamente organizados, expandiram seu domínio e, a partir do século IV a.C., criaram um império que alcançou grande parte da Europa, Ásia e norte da África, atingindo seu apogeu no início da era cristã. (GIORDANI, 1972, p.15-30)

Com a expansão do Império, os romanos difundiram a também a sua cultura, veiculada pela língua, aos povos conquistados; fator esse que contribuiu decisivamente para a hegemonia política e cultural que implantou o latim falado como língua geral da România, território que compreendia as diversas regiões conquistadas pelos romanos. Contudo, jamais houve uniformidade linguística em todo o grande império. Havia tantas variedades da língua quantas eram as classes sociais e circunstâncias em que dela se utilizavam. A classe aristocrática de Roma, o patriciado, era uma elite conservadora caracterizada pela educação e por costumes refinados, separando-se da classe dos plebeus, formada pela população rural, pelos estrangeiros e por escravos libertos. Como as classes sociais eram muito diversificadas, as modalidades da língua dos romanos reconheciam-se sob denominações tais como: *sermo quotidianus* (o falar diário), *sermo urbanus* (o falar da cidade), *sermo plebeius* (o falar da plebe), *sermo militaris* (o falar dos soldados), e *sermo rusticus* (o falar dos camponeses). Todas essas variedades se resumiam no chamado *sermo vulgaris* ou latim vulgar, a língua falada por todas as camadas da população (MAURER JUNIOR, 1962).

O adjetivo *vulgar* tem sido empregado com vários sentidos: como corriqueiro, sem conotação pejorativa, referindo-se à língua falada, em situações informais, pela população romana (incluindo a aristocracia); usado também no sentido de língua popular, derivado de vulgo, “povo”; e, finalmente, no sentido depreciativo de vulgarismo, isto é, uso linguístico condenável, sob o ponto de vista purista conservador. Nos estudos romanísticos, convencionou-se usá-lo no sentido de popular, sem conotação pejorativa.

Em linhas gerais, costuma-se dividir a língua do Império Romano em duas modalidades: o latim clássico e o latim vulgar. O latim clássico representa a variante literária e a língua escrita em situação formal, enquanto o latim vulgar refere-se à língua corrente, usada por todas as camadas da população romana e por isso muito diversificada. Essa língua evolutiva, composta de muitos latins mesclados a outros falares, foi que originou o português e as demais línguas românicas, como o francês, o italiano, o espanhol e o romeno.

O nome da nossa disciplina, *Latim Vulgar*, refere-se simplesmente às variedades da língua latina que se diferenciam do latim clássico. Nada tem, portanto, de desprezível ou “de baixo nível”. Poderíamos chamá-la de *Latim Popular*, ou então *Variante Popular do Latim*. Isso não mudaria o nosso objeto de estudo, que é a transformação do latim falado em novas línguas.

O PROCESSO DE ROMANIZAÇÃO

Denomina-se romanização o processo de adaptação da cultura latina, principalmente a língua, aos povos habitantes dos territórios conquistados pelos romanos.

Historicamente, a fundação de Roma deu-se no ano 754 a.C. Sua origem teria sido a partir de uma aldeia agrícola localizada no Latium, território ao sul do rio Tibre.

Nos primeiros 250 anos após a fundação, Roma teria sido governada por sete reis, período em que ocorreram as primeiras conquistas: pequenos territórios ao redor da cidade, habitados pelos povos sabinos, volscos, umbros, veientes e fidenates.

Em 500 a.C., com a constituição da república, o poder de Roma começou a se estender por toda a península itálica. Durante os anos 100 a.C., período dos grandes combates, foram tornadas províncias romanas: a Sicília, a Sardenha, a Córsega, o Vêneto, a Hispânia, a Ilíria, a África, as Gálias e a Récia. Esse conjunto de possessões denomina-se România.

Para facilitar a administração das províncias, os romanos procuravam manter uma certa unidade territorial. Para não perder o controle dos territórios, faziam subdivisões. As civitas eram territórios delimitados e autônomos. Cada um desses territórios possuía um centro urbano, onde se concentrava a cultura romana que depois se espalhava para as periferias. Esta palavra civitas/civitate deu origem ao que hoje conhecemos por “cidade”. Herdamos dos romanos não só o nome, mas também a estrutura das nossas cidades atuais.

Depois de organizada a administração dos territórios, iniciava-se o movimento de assimilação dos povos nativos. A língua, como atividade social, sempre acompanha a evolução da sociedade. Com a expansão do império romano, a língua latina também se expandiu. O prestígio dos romanos impunha-se aos povos vencidos. Esse

prestígio compreendia todos os traços da civilização romana, um dos quais era a língua. A administração das províncias era organizada com perfeição. Os sistemas de comunicação – estradas e correios – colaboraram grandemente para a difusão cultural.

Os povos conquistados aspiravam à cidadania romana, que lhes dava direito a casamento, heranças, comércio, carreiras de serviço público que iam desde funcionários até governadores; por isso todos queriam, em primeiro lugar, falar o latim.

Contudo, o principal fator de difusão da cultura romana era a vida militar. Os legionários estabeleciam intercâmbios comerciais com os habitantes das fronteiras, ou casavam com mulheres nativas; os soldados indígenas, após prestarem o serviço militar, retornavam aos seus locais de origem levando consigo a nova língua aprendida, o latim, pois em Roma tinham convivido com autoridades ligadas ao governo central do império.

O latim era a língua geral do império. Documentos, testamentos, ordens do governo, inscrições, moedas, medidas, discursos nos tribunais, para tudo utilizava-se a língua latina. O latim era também um meio de distinção social. A escola romana integrava os filhos dos conquistados à cultura latina; assim, os jovens eram romanizados pouco a pouco. E eles próprios tinham interesse em aprender a nova cultura, em especial a língua escrita.

A língua latina, porém, não era somente aquela dos literatos e das elites, língua estática, tradicional, conservadora; havia também o latim falado, a língua utilizada pelos soldados, os comerciantes e o povo, a língua evolutiva, que apresentava diferenças de acordo com as camadas sociais e os lugares onde era falada. Esta foi a língua que, transformando-se, originou as línguas românicas, como o português, o espanhol, o italiano, o francês e outras.

Durante muito tempo os romanos obtiveram vitórias, movidos pelo espírito guerreiro, pela ambição, pela bravura, pela ânsia de glória. Também o aspecto econômico contribuiu para a expansão do império. Minerais preciosos e produtos exóticos constituíam fator de atração para os conquistadores.

Embora os romanos tivessem levado sua cultura a todos os povos vencidos, não conseguiram, contudo, apagar completamente o passado dessas civilizações. Os costumes e tradições dos conquistados contribuíram profundamente para a história futura. Como exemplo, citamos as línguas românicas, que, mesmo originárias de um tronco comum, apresentam características diferentes.

Nas próximas aulas, veremos quantas contribuições o latim falado em cada província recebeu dos povos que ali viviam, para que então se desdobrasse em diferentes línguas.

3ª semana

Aula 5 – módulo equivalente a 4 horas-aula

AS INVASÕES GERMÂNICAS E A FRAGMENTAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO

Nesta aula serão abordados os seguintes itens: invasões germânicas e fragmentação do Império Romano.

O objetivo é oferecer ao aluno um panorama histórico sobre os povos que contribuíram para a fragmentação do império romano e a consequente formação de novas nações e novas línguas.

Material de Apoio: websites especializados

A palavra “bárbaro” se origina no grego antigo “barbarós”, que significava “não grego”. Era assim que os gregos denominavam as pessoas que não eram gregas e que não falavam a língua grega. No império romano, a expressão passou a ser usada para designar todas as pessoas que não eram romanas nem gregas, ou seja, os estrangeiros em geral.

O termo “bárbaro” era usado pejorativamente, como se todo aquele que possuísse uma cultura diferente da greco-romana fosse, por isso, um bruto, ignorante, selvagem. Mais tarde, a expressão passou a denominar, especialmente, os povos vindos da Germânia, que invadiram o império romano no século V d.C.

OS GERMANOS

Os povos germanos habitavam o imenso território chamado, pelos romanos, de *Germânia*. Eles eram muito diferentes dos romanos. Não tinham cidades segundo o modelo romano, nem escolas, nem escrita e nem colégios sacerdotais. Viviam em tribos, caçavam, criavam animais e cultivavam o solo. Pra-ticavam rituais religiosos ligados à natureza e suas forças. Eram guerreiros muito valentes, tanto que conseguiram, em muitos combates, derrotar o bem montado exército dos romanos.

Sobre a história das guerras entre romanos e germanos, duas obras de escritores romanos chegaram até nós: *De bello gallico* (sobre a guerra da Gália), de Júlio César, e *De origine et situ Germanorum* (sobre a origem e situação dos germanos), de Tácito.

Júlio César, no sexto livro do *De bello gallico*, descreveu os costumes dos germanos e dos gauleses, dizia que os germanos dedicavam-se à caça e aos combates, que eram comandados por magistrados militares durante a guerra e por chefes regionais que resolviam seus problemas particulares. Tácito escreveu sobre a habitação, o vestuário, a vida cotidiana e a organização militar dos germanos.

Os romanos haviam travado os primeiros combates com os germanos no final do século II a.C. Após vários conflitos, o exército

romano passou por uma reestruturação e, no século III d.C., começou a incorporar oficiais e soldados nas suas tropas.

Além de admitir os “bárbaros” em seu exército, os Romanos também realizaram um tratado (*foedus*) com eles, confiando-lhes o cultivo de terras e mantendo com eles relações comerciais, até o século IV d.C., quando os hunos pressionaram os outros povos bárbaros nas fronteiras do Império Romano. No século seguinte, crises geradas por dificuldades econômicas, desigualdade social e desordens diversas provocaram o rompimento do mundo germano-românico. E assim, Roma, aos poucos, foi perdendo seus territórios. Dentre todos os povos bárbaros, os mais violentos foram os hunos. Não tinham habitação fixa, viviam acampando e criando cavalos em campos e florestas. Sua principal fonte de renda vinha dos saques aos povos dominados. Seu principal líder foi Átila, o conhecido “rei dos Hunos”.

Vejamos, em um breve esquema, os principais povos invasores do mundo romano e as regiões ocupadas por eles:

- FRANCOS: região da França atual
- LOMBARDOS: norte da Península Itálica
- ANGLO-SAXÕES: atual Inglaterra
- BURGÚNDIOS : sudoeste da França
- VISIGODOS: Gália, Itália e Península Ibérica
- SUEVOS : Península Ibérica
- VÂNDALOS : norte da África e Península Ibérica
- OSTROGODOS : Itália

Depois do contato com povos de cultura tão diferente, como teria ficado a língua que os romanos haviam difundido pelo império? Será que os germanos destruíram ou aprenderam o latim?

Bem, se os romanos tivessem abandonado sua língua junto com suas perdas territoriais, certamente hoje não haveria tantas línguas descendentes do latim, não é mesmo?

Vejamos por que, então, as línguas dos conquistadores germanicos não conseguiram se sobrepor ao latim. É que os romanos, durante o chamado auge de sua cultura, entre o século I a.C. e o século IV d.C., produziram grandes obras literárias, escritas em uma língua rebuscada e enriquecida, o latim clássico. Este latim, mesmo não sendo utilizado no dia a dia na fala da população em geral, foi ensinado nas escolas de todo o império e foi também a língua dos documentos, das leis e dos registros.

Os germanos, como vimos, possuíam uma cultura mais voltada para a guerra e a sobrevivência. Sem obras escritas nem escolas, suas línguas e suas histórias, transmitidas apenas pela oralidade, ficaram abaixo da cultura literária latina. Entretanto, acrescentaram às línguas neolatinas muitas palavras, algumas ainda hoje utiliza-

das por nós, no português e nas suas línguas irmãs. São os chamados germanismos no léxico latino, que visualizaremos a seguir.

Estas palavras foram adaptadas à grafia e à fonética das línguas românicas.

TRIBO DE ORIGEM	PALAVRA GERMÂNICA	PALAVRA LATINIZADA
<i>francos</i>	<i>halla</i>	<i>sala</i>
<i>visigodos</i>	<i>rauba</i>	<i>roubar</i>
<i>ostrogodos</i>	<i>task</i>	<i>tasca</i>

Além das invasões germânicas, outros fatores também contribuíram para o enfraquecimento do império romano e o consequente surgimento das línguas neolatinas, como despovoamento, decadência militar, empobrecimento e cobrança excessiva de impostos.

COUTINHO (1968, p. 43-4) denomina “causas” os elementos que motivaram modificações na língua latina e cita três delas como principais:

- a) **a causa histórica:** todas as províncias romanas foram conquistadas em épocas bem distantes; por exemplo, a Sardenha em 283 a. C.; a Sicília em 241 a. C.; a Hispania em 197 a. C.; já a Dácia, em 107 d. C. Assim, entre a conquista da Sardenha e da Dácia, há um distanciamento de quase quatrocentos anos. O latim levado para as primeiras províncias era mais popular, ao passo que as últimas regiões receberam um latim mais culto, já bastante modificado. Isso explicaria por que o sardo apresenta traços de um latim mais antigo do que o italiano;
- b) **a causa etnológica:** as regiões dominadas pelos romanos eram habitadas por povos de raças e culturas diferentes. Ao aprender o latim, cada um destes povos adaptava-o aos seus hábitos articulatórios. Por isso, as diferenças entre as línguas românicas devem-se aos diferentes substratos;
- c) **a causa política:** as divergências no latim teriam aumentado após a quebra da unidade política. A diminuição das relações entre o centro e as colônias acabou por favorecer a criação dos dialetos que viriam a constituir as línguas românicas.

Segundo CÂMARA JR. (1970, p. 219), a evolução linguística ocorre não por necessidade, mas porque existem condições que permitem ou provocam sua realização. Como no caso de uma revolução social, em que há o enfraquecimento das tradições devido à perturbação do ambiente onde vive um determinado grupo, também a transmissão de hábitos linguísticos sofre modificações.

Mesmo que Roma tivesse controle absoluto sobre todas as regiões conquistadas, favorecendo o acesso à escola e à cultura clássica a todos os povos romanizados, mesmo assim a língua haveria de mudar, ainda que mais lentamente. A fragmentação do Império,

que iniciou no séc. III d.C., seria apenas um fator de aceleração do processo natural de mudança do latim vulgar.

Tal observação é interessante porque, enquanto Roma manteve o poder sobre todo o território, as mudanças, embora já existentes, não se destacaram tanto como na fase posterior à fragmentação do império. Prova disso é o texto chamado Juramentos de Estrasburgo, escrito em 843 d.C., que documenta a formação da primeira língua românica, o francês, ao mesmo tempo em que nascia a nação francesa. A partir daí, o latim começa a perder a posição prioritária, abrindo caminho para as línguas que acompanhavam a constituição de novas nações.

**SAIBA MAIS**

Leia mais sobre o assunto desta aula, acessando:

<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF%2057.html>

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4245784,00.html>

Aula 6 – módulo equivalente a 4 horas-aula

FASES HISTÓRICAS E MODALIDADES DE LATIM

Nesta aula serão abordados os seguintes itens: fases históricas e modalidades de latim.

O objetivo é oferecer ao aluno informações sobre a evolução do latim e de suas modalidades.

Material de Apoio: textos

Atividades: leitura e exercícios

A partir do século III a.C., muitas palavras da língua grega foram tomadas pelo latim, que as adaptou à sua fonética em algumas situações articulatórias. Também as línguas europeias modernas adotaram elementos da língua grega, tanto na Idade Média quanto no Renascimento. Radicais, prefixos e sufixos gregos fazem parte do vocabulário de diversas áreas do conhecimento e ainda hoje recorremos a eles com frequência para formar neologismos. Outra herança da cultura grega nas línguas ocidentais é o modelo da gramática tradicional, a norma, que traz a noção de certo e errado e a padronização no uso linguístico, bem como as nomenclaturas científicas e muitas definições que ainda utilizamos.

As variações do latim se apresentam conforme o período histórico pelo qual a língua passou. Vejamos:

- **Latim Pré-clássico**, do século VII a.C. ao século II a.C. Fragmentos da língua escrita aparecem apenas em inscrições. São os primeiros documentos que temos do latim. Entre os séculos III e II a.C., surgem os primeiros textos literários em latim, as comédias de Plauto e Terêncio, que escrevem sob influência grega.
- **Latim Clássico**, do século II a.C. ao século II d.C. Este período é conhecido como a idade de ouro da literatura latina, porque são produzidas grandes obras em latim clássico, a língua estilizada e aperfeiçoada que estudamos ainda hoje.
- **Latim vulgar**, do século II ao V. Embora o latim vulgar fosse a variante popular falada que sempre existiu ao lado da língua clássica, neste período ele aparece também na escrita, em textos que se aproximam muito das línguas românicas, como a Vulgata, de São Jerônimo, e as obras de Santo Agostinho.
- **Latim do Período medieval**, do século VI ao século XIV. Nesta época surgem as línguas românicas e outras línguas modernas. O latim sobrevive como língua da Igreja Católica.
- **Latim do Período renascentista**, do século XIV ao XVII. As línguas nacionais ganham prestígio, com a publicação de obras literárias importantes, mas o latim continua sendo estudado.
- **Latim científico**, do século XVII ao final do século XIX. O francês e o inglês já possuíam certa importância, contudo, por uma questão de tradição, alguns autores ainda preferiam o latim para escrever suas obras.

POR QUE FOI USADO O LATIM NAS CIÊNCIAS?

Para esta pergunta, podemos encontrar resposta revisando alguns momentos da história da língua dos romanos e o valor que a ela se atribuiu. Para as elites da sociedade europeia, o latim sempre foi cultuado como um símbolo de poder e respeito, talvez por ter sido a língua dominante do império romano durante tantos anos. Para estes grupos, conservar o latim seria manter viva a representação do passado glorioso dos seus antecessores, os antigos romanos.

Por volta do século VI d. C., as línguas descendentes do latim começaram a sobressair-se na Europa. O velho idioma, porém, ainda se manteve no início dos tempos modernos como uma língua de comunicação universal, da política, da religião, da cultura e da ciência, em especial nos espaços universitários e religiosos.

Mesmo depois de as línguas românicas estarem consolidadas, o latim continuou, por um longo tempo, sendo usado pelas classes dominantes. Os tabeliães utilizavam-no até o século XII em documentos oficiais, apesar de nestes textos a língua já se ter modificado bastante. Como língua oficial da Igreja, seu uso foi obrigatório até 1961, tanto na redação de documentos eclesiásticos como na realização de cultos e cerimônias religiosas.

Até o início do séc. XVIII, os livros didáticos eram redigidos em latim, ou para ele traduzidos caso tivessem sido escritos em outro idioma, como o árabe ou o chinês. Ainda que nesse tempo o francês e o inglês já possuíssem certo prestígio, muitos autores continuavam a usar paralelamente o latim. Além dos literatos e juristas, pensadores e homens de ciência escreviam suas obras em latim.

Segundo Burke (1995), na França, já no século XIX, a tradição acadêmica exigia que as teses de doutorado em Letras fossem ainda escritas em latim, mesmo que fosse necessário criar neologismos para dar conta dos temas tratados.

O médico sueco Karl Linné, que viveu entre 1707 e 1778, considerado pelos biólogos o “Pai da Taxonomia”, escreveu a maioria de suas obras em Latim, para que numerosos leitores tivessem acesso a elas. Linné latinizou, inclusive, o seu próprio nome, que passou a ser Carolus Linnaeus. Seu modelo de classificação serve, ainda hoje, para identificar e nomear os seres vivos de forma sistemática, evitando as confusões que ocorrem devido às diversidades dos nomes populares e regionais que lhes são dados.

Enquanto as variantes populares evoluíram para os vernáculos, a língua clássica se cristalizou, tornou-se “morta”, porém paradoxalmente produtiva no uso de nomenclaturas científicas. A partir daí, convencionou-se chamar “latim botânico”, ou “latim científico”, uma variedade de língua internacional, usada ainda hoje para identificar as plantas de modo correto. Esse latim, derivado dos textos do escritor romano Plinius, embora mantenha em parte a

estrutura do latim clássico, apresenta um caráter próprio, com léxico ampliado e de significado diferente da língua literária. O latim botânico incorpora grande número de palavras gregas e outras que não faziam parte do latim clássico, ou então utiliza palavras do clássico, mas altera o sentido delas.

Não se sabe até quando o latim será utilizado nas ciências biológicas. Talvez consiga resistir apenas durante mais algum tempo, enquanto houver defensores que o preferem às línguas modernas. Desde a segunda metade da década de 90, alguns estudiosos vêm propondo a substituição do latim usado nas diagnoses pelo inglês, por ser o inglês a língua mais comum entre a maioria dos taxonomistas, o que, segundo argumentam, tornaria mais prática a publicação de novidades botânicas. Tal proposta encontrou oponentes inclusive de língua inglesa, pois não há garantia de que o inglês continue a ser a língua mais comum na botânica sistemática daqui a mais algumas décadas, por exemplo. Até lá esta posição poderá ser ocupada por outra língua qualquer.

Como toda e qualquer história escrita na Antiguidade encontra-se na língua utilizada naquele período, não há como ter uma compreensão verdadeira de determinado texto sem o domínio da língua em que o texto foi registrado. Ainda que as traduções possam dar um sentido aproximado, jamais conseguem substituir a originalidade de cada termo. E não só as palavras são difíceis de traduzir, há que se pensar ainda na estrutura da língua. No caso do latim, a precisão dada pelo sintetismo é tal que, muitas vezes, somente reescrevendo a expressão pode-se tentar levar a ideia a uma outra língua. Isto na literatura ficcional, é inquestionável, mas pode ocorrer também nas descrições dos biólogos.

Outro problema que surge ao traduzir as descrições originais de animais e plantas para uma língua moderna é o fato de que elas necessitam de revisão a cada nova característica que se descobre sobre uma dada espécie, pois as descrições antigas em geral omitem características que agora são importantes para o reconhecimento desta espécie. Se as primeiras descrições dos seres vivos foram feitas objetivando-se a inalterabilidade dos nomes das espécies e a manutenção do rigor científico, quem garante a fidedignidade da tradução? E se o cientista responsável pela redescritção não tiver conhecimento de latim, terá de fazer as alterações a partir da tradução e assim sucessivamente. Desse modo, com o passar do tempo, os biólogos encontrariam mais dificuldade ainda em se comunicar, pois a linguagem por eles utilizada precisa ser o menos diferenciada possível para que a ciência possa ser compreendida por todos.

4ª semana*Aula 7 – módulo equivalente a 4 horas-aula***LATIM VULGAR E SUAS FONTES DOCUMENTAIS**

Nesta aula serão abordados os seguintes itens: Latim Vulgar e suas fontes documentais

O objetivo é oferecer ao aluno algumas definições do latim popular e analisar amostras documentais desta modalidade.

Material de Apoio: textos e fragmentos escritos em latim vulgar.

Definir o latim vulgar sempre foi um problema que causou inúmeras discussões entre os linguistas. No século XIX, quando os gramáticos comparatistas pensavam ter reconstruído o protoindo-europeu, chegar ao latim pré-romance parecia uma tarefa fácil. Multiplicaram-se as reconstituições, muitas vezes cheias de exageros, o que levou os filólogos a protestarem e até mesmo a considerarem o latim vulgar uma invenção sem fundamento.

No início do século XX, estudiosos da romanística retomaram a questão. O pesquisador Grandgent propôs um panorama geral da língua latina, considerando-a em quatro divisões: 1) latim culto ou literário (urbano); 2) latim dos bairros pobres; 3) latim vulgar (língua da classe média); 4) latim dos campos. Mais tarde, Maurer Jr. (1962, p.53-4) distinguia três tipos de latim, os quais julgava serem os mais importantes: 1) a língua literária, dos discursos de Cícero e das obras dos escritores clássicos; 2) a língua coloquial urbana, usada pela sociedade aristocrática de Roma e pelos gêneros literários epistolar, satírico e cômico; e 3) latim vulgar, a língua da plebe romana. A língua literária e a coloquial urbana, segundo o autor, constituiriam as duas faces do latim clássico (língua e fala), o latim vulgar seria a língua do povo em sentido amplo.

Maurer Jr. explica as variações da língua associando-as à evolução das classes sociais romanas. Segundo ele, latim clássico era a forma escrita da língua da sociedade mais refinada de Roma, usual nas classes média e alta. Pouco a pouco, pelo trabalho artístico dos escritores, esta língua se tornou cada vez mais artificial e de uso restrito dos letrados.

O latim vulgar, que era uma variante simplificada do latim clássico, continuou a se transformar. E assim também as classes que o falavam variaram com o passar do tempo. Se, no início da civilização romana, o latim vulgar era a língua apenas dos camponeses e da plebe urbana, durante a época imperial, muitos elementos desta língua “dos pobres” penetraram nas camadas sociais mais cultas, sobretudo nas províncias, onde, ao lado das influências das línguas dos povos conquistados, evoluiu até tomar o lugar ocupado pelo latim clássico.

De acordo com Maurer Jr. (1962), o que caracterizava a aristocracia romana não eram os laços de sangue e sim os costumes e a educação. Estrangeiros, escravos e descendentes dos antigos plebeus entravam para o convívio da elite social e apegavam-se às suas tradições de maneira artificial. A língua, então, era o meio de distinção da aristocracia, por isso a elite social a conservava pura e rigidamente correta. Já os representantes da classe popular romana não possuíam ligação familiar ou por meio de um passado cultural e linguístico; assim sendo, a classe popular crescia constantemente pela agregação de camponeses, trabalhadores e pequenos mercadores que vinham das províncias conquistadas. A língua dessa classe era o latim falado de Roma, sem nenhuma preocupação artística e conservadora. Isso ficava para o latim clássico, que cada vez mais se tornava a língua da nobreza, à qual pertenciam os escritores mais prestigiados. Daí a importância da escrita como instrumento de distinção entre os romanos.

A professora italiana Barbara Spaggiari (1992, p.81) define latim vulgar como “tendências da língua falada que se afastam do latim clássico”. Como registro do cotidiano, é “expressão de oralidade, instrumento de comunicação, língua informal de intercâmbio dos habitantes de Roma e do Império”. Essas tendências compreenderiam também as variações situacionais, apresentando graus de uso ligados a estilos diversos. Assim, não só os estratos inferiores usariam o latim vulgar, mas também as classes sociais mais elevadas, em situações informais. O latim clássico seria uma modalidade de língua trabalhada artisticamente pelos escritores. Em outros termos, a língua popular filtrada e enriquecida de construções sofisticadas.

Para Silva Neto (1946), o latim vulgar é o único e verdadeiro latim, a língua viva e corrente, da qual a cultura romana criou a língua artística. Desse modo, seria o latim clássico um desvio do latim autêntico, o qual existiu desde os primórdios da civilização romana, anterior ao século VIII a.C.

O latim primitivo, de estrutura simples e léxico reduzido, era suficiente para a comunicação cotidiana da vida rural. Cardoso (1989, p.12) apresenta uma lista das palavras latinas mais antigas, as quais se referem à vida: “uiuere” (viver), “nasci” (nascer), “genus” (origem); aos sentidos: “uidere” (ver); às partes do corpo: “pes” (pé), “genu” (joelho); às relações de parentesco: “pater” (pai), “mater” (mãe), “frater” (irmão); aos animais: “equus” (cavalo), “ovis” (ovelha); à alimentação: “coquere” (cozinhar), “bibere” (beber); ao vestuário, aos fenômenos naturais e às quantidades numéricas: “lana” (lã), “lux” (luz), “duo” (dois). Tempos depois, à medida que a sociedade foi se desenvolvendo e aumentando seu relacionamento com outros povos, juntaram-se elementos vocabulares das mais diver-

sas origens, como gregos, orientais, célticos, germânicos e, ainda, formaram-se novas palavras por derivação.

Não podemos esquecer que a escrita latina é posterior ao uso da língua. A partir das obras literárias se depreenderam os fenômenos gramaticais com o intuito de transmitir nas escolas um latim que servisse de modelo. Os romanos pensavam que, se tinham o poder de conquistar o mundo, deveriam possuir também um poder linguístico, uma literatura grandiosa e exemplar para legar às gerações futuras. Assim, sua língua se transformou em um monumento para além dos séculos, mas seu uso foi ficando cada vez mais restrito àqueles que tinham acesso aos bens culturais, as classes dominantes.

Com a expansão do império, o latim, em todas as suas variedades, foi levado às regiões conquistadas, onde o modo de administração dos romanos favorecia a difusão da língua. Os romanos construíam, nas províncias, centros de irradiação cultural, as civitas, para a assimilação estratégica dos povos nativos. Ofereciam-lhes a cidadania, que lhes dava direito a casamento, herança, comércio e carreiras de serviço público, por isso todos se interessavam em aprender latim nas escolas romanas (SILVA NETO, 1988).

Todavia, enquanto o latim clássico era ensinado nas escolas, a língua vulgar, falada por soldados, comerciantes, camponeses e a população em geral, cada vez mais se diversificava e incorporava características regionais. Com as invasões germânicas, o enfraquecimento e a consequente queda do Império Romano, o latim clássico, durante a Idade Média, se refugiou nos tabelionatos e mosteiros, ao passo que os latins falados nas diferentes regiões sofreram intensa mudança. A fonética, a morfologia e o léxico foram tão alterados que, a partir do século VI d.C., praticamente não havia mais formas regionais do latim, mas sim o início de nossas línguas românicas.

AS FONTES DO LATIM VULGAR: UMA REPRESENTAÇÃO DA FALA NA ESCRITA

Ao definir latim vulgar como língua falada, um problema que surge de imediato é o de como apresentar provas dessa fala de tantos séculos atrás. Numa época em que não havia os meios de que hoje se dispõe para registrar variedades linguísticas populares, nem interesse em fazê-lo, de que maneira se poderia dispor de uma amostra composta de obras do latim vulgar?

Para Maurer Jr. (idem, p.16), é possível admitir a existência de um latim do povo “mesmo sem provas documentais diretas, pela simples razão de sabermos que uma língua viva é sempre diferente nas diversas camadas da sociedade e que a língua falada se distingue necessariamente do estilo mais ou menos elaborado dos textos literários”. Contudo, parece mais adequada a afirmação de Spaggiari (1992, p.

90), de que “não existem, nem poderiam existir, obras escritas em latim vulgar, porque este é por definição uma língua falada”. A falta de obras não significa ausência total de comprovações escritas.

Não há obras inteiras em língua popular, mas há vestígios desta inseridos na literatura. Podemos destacar dois tipos de “vulgarismo”: o literário, que aparece nas obras propriamente ditas, e o não-literário, que compreende inscrições informais, epígrafes funerárias, documentos privados e oficiais, redigidos por pessoas que não possuíam domínio completo do latim clássico, e ainda textos históricos, técnico-científicos e gramaticais que ressaltam o uso do latim correto, como o “Appendix Probi”, que veremos em seguida. Tais textos registraram, sem pretender, as formas populares.

Este material fragmentário que foi conservado constitui as chamadas fontes do latim vulgar, cuja característica principal é o desvio das regras do latim clássico, através dos “plebeísmos” presentes nos textos. Há aqueles vulgarismos que aparecem nas comédias de Plauto, nas sátiras de Horácio e no Satyricon de Petronio. Outros aparecem também em autores cristãos, como Santo Agostinho que, mesmo tendo formação clássica, admitia formas populares em seus escritos.

São considerados vulgarismos espontâneos as palavras que aparecem nos textos dos gramáticos, os quais as citam como formas incorretas da língua, sem a preocupação em descrevê-las e estudá-las como variedades linguísticas. Ao contrário, a vontade desses autores era a de escrever respeitando as regras do latim clássico, por isso censuravam os usos populares. Exemplo limite desse tipo de crítica é o Appendix Probi, texto escrito possivelmente no século III d.C. e encontrado junto aos textos do gramático Probo. Consiste em uma espécie de correção das palavras utilizadas pelas pessoas das classes populares. Silva Neto (1946, p. 221) apresenta-o na íntegra, totalizando 227 correções. Transcrevemos, aqui, apenas algumas expressões. Colocamos, entre parênteses, as palavras em português, para que você observe a proximidade delas com as palavras do latim vulgar:

ANSA NON ASA (ASA)
 ARTICULUS NON ARTICLUS (ARTIGO)
 AURIS NON ORICLA (ORELHA)
 BRAUIUM NON BRABIUM (BRABO)
 FRIGIDA NON FRICDA (FRIA)
 GYRUS NON GIRUS (GIRO)
 IUGULUS NON IUGLUS (JUGO)
 LANCEA NON LANCIA (LANÇA)
 MUSIUUM NON MUSEUM (MUSEU)
 SOCRUS NON SOCRA (SOGRA)
 SPECULUM NON SPECLUM (ESPELHO)
 SYMPOSIUM NON SIMPOSIUM (SIMPÓSIO)
 UETULUS NON UECLUS (VELHO)
 UINEA NON UINIA (VINHA)

Também constituem fontes da língua popular os “grafitos de Pompéia”, que são fragmentos rabiscados a carvão nos muros da cidade por volta de 79 a.C., quando ela foi soterrada pela erupção do vulcão Vesúvio; e as “tábuas de esconjuro”, inscrições funerárias populares de caráter mágico, usadas para recomendar um inimigo a uma divindade maligna. Transcrevemos dois exemplos apresentados por Spaggiari (1992, p. 85–7):

“Quisquis ama, valia, peria qui nosci amare. Bis tanti peria, quisquis amare vota.

(Viva quem ama, morra quem não sabe amar. Duas vezes morra quem impede de amar.” (Poema epigráfico de Pompéia)

Fenômenos linguísticos populares: queda do /t/ final na 3ª pessoa dos verbos (*amat* > *ama*; *vetat* > *vota*); *non scit* > *nosci*; *tanto* > *tanti*.

Te rogo qui infernales partes tenes, commendo tib lulia Faustilla, Marrii filia, ut eam celerius abducas et ibi in numerum tu aias.

(Te invoco, que governas o reino dos infernos, a ti confio Júlia Faustila, filha de Mario, para que a leves contigo sem demora e acolha-a entre os teus (Tábua execratória).

Principais fenômenos: *inferas* > *infernalis*; perda do /m/ final no acusativo singular (*luliam Faustillam* > *lulia Faustilla*; *filiam* > *filia*); *habeas* > *abias*, perda do /h/ e elevação do /e/ para /i/.

Esses são alguns dos textos integrantes do *Corpus inscriptionum latinarum*, compilados no século XIX, em dezesseis volumes que se encontram atualmente na Academia de Berlim. Há ainda outros tantos fragmentos escritos que se podem juntar às fontes do latim vulgar, como papiros antigos, tratados técnicos de diversas áreas, relatos de peregrinações, bem como glossários, textos cristãos e fórmulas legais e notariais mais tardios. (BASSETTO, 2001, p.135)

Como complemento das fontes fragmentárias do latim vulgar, considera-se de grande valor também o conjunto das línguas românicas. A reconstituição feita pelos comparatistas muito contribuiu para confirmar diversas formas até então duvidosas.



SAIBA MAIS

Para saber mais sobre o latim vulgar, você pode fazer uma viagem ao passado e ver o que as classes populares da Roma Antiga escreveram nos muros da cidade de Pompéia. Pode ver também as pinturas daquela época e algumas fotos de construções que estão sendo restauradas. Não é preciso pagar ingresso, é tudo grátis. Você quer? Então, acesse o seguinte site:

http://commons.wikimedia.org/wiki/Scavi_archeologici_di_Pompei#Inscriptions

OBSERVAÇÕES FINAIS

Seguindo o percurso do latim, desde a sua fase primitiva até a sua dialetação, ou início das línguas românicas, embora de maneira superficial, como foi feito aqui, pode-se perceber uma série de questões difíceis de resolver. Possivelmente, a origem do problema do latim vulgar esteja relacionada ao fato de que os estudiosos antigos rejeitavam as manifestações linguísticas populares. Só com o desenvolvimento das pesquisas sobre a língua falada, questões como essas começam a ganhar importância. No século XIX, quando aumenta o interesse dos estudiosos pelos dialetos vivos e pelas variações populares, a língua de Roma já não existe senão na forma escrita, predominantemente em obras literárias artísticas e normativas. Por outro lado, pequenos textos, dispersos e fragmentários, também escritos, mas com características que fogem aos padrões clássicos, chamam a atenção pela maneira como são construídos, tanto em aspectos fônicos, quanto em lexicais ou morfossintáticos.

Como vimos anteriormente, tais formas linguísticas são hoje reconhecidas pelos estudiosos como pertencentes à fala popular, mas essa consideração só foi possível com o auxílio de ciências como a História, a Dialetologia e a Sociolinguística, que permitem analisar os fatores externos que influem nas mudanças do sistema da língua. Pode ser que tenha havido leis que regeram a reorganização do latim falado, fazendo com que este sofresse alterações até se ramificar nas línguas românicas, mas também pode ser que tal fenômeno possa ser mais compreensível através da análise de questões históricas, ideológicas, sociais e políticas.

Aula 8 – Módulo equivalente a 4 horas-aula

INFLUÊNCIAS DE SUBSTRATOS, SUPERSTRATOS E ADSTRATOS.

Nesta aula serão abordados os seguintes itens: transição para as línguas românicas – Influências de substratos, superstratos e adstratos.

O objetivo é oferecer ao aluno informações sobre as línguas dos povos conquistados pelos romanos, as quais deixaram traços nos latins regionais.

Material de Apoio: textos especializados

Atividades: exercícios

Vimos, em aulas anteriores, que os romanos levavam sua cultura a todos os povos que conquistavam, mas que não conseguiram fazê-los esquecer por completo seus hábitos. Os costumes e tradições dos conquistados deixaram marcas, embora não muito profundas, na civilização romana. As línguas descendentes do latim são chamadas de “irmãs”, no entanto, elas têm suas diferenças e, às vezes, dependendo da palavra, até parece que elas nem se dão tão bem. Isso se deve às diversas influências que cada uma delas recebeu durante a sua formação. Vejamos alguns exemplos de palavras que as diferenciam uma da outra:

ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>alcaide (origem árabe)</i>	<i>prefeito (origem latina)</i>
<i>lechuga (origem latina)</i>	<i>alface (origem árabe)</i>
ITALIANO	PORTUGUÊS
<i>tasca (origem germânica)</i>	<i>bolso (origem grega)</i>
<i>vasca (origem germânica)</i>	<i>banheira (origem latina)</i>
FRANCÊS	PORTUGUÊS
<i>jaune (origem germânica)</i>	<i>amarelo (origem latina)</i>
<i>bleu (origem germânica)</i>	<i>azul (origem árabe)</i>

A partir destas diferenciações vocabulares, podemos explicar melhor as teorias do *substrato*, *superstrato* e *adstrato*.

Estrato vem do latim *stratum* e significa “cobertura”, “camada”. Substrato, então, quer dizer “camada que está embaixo”. Esta denominação foi usada pelo linguista italiano Graziadio Ascoli, para caracterizar as influências que o latim recebeu das línguas dos povos conquistados pelos romanos. Nas várias regiões do império romano, o latim se tornou a língua vencedora, os habitantes nativos abandonavam suas próprias línguas e aprendiam a falar o latim. Algum tempo depois, num determinado local, este latim falado apresentava palavras ou pronúncias que não eram latinas. Estas influências são chamadas de “substratos linguísticos”.

Superstrato, ao contrário, significa “camada que está sobre”. Utiliza-se este termo para caracterizar as influências que o latim recebeu das línguas dos povos conquistadores, como os germânicos. Conforme aprendemos na aula sobre os invasores germânicos, estes povos não possuíam uma cultura letrada como a dos romanos, por isso, quando eles derrotaram os romanos, em vez de impor sua língua, eles adotaram o latim. Assim, diz-se que “superstrato” ocorre quando um povo vence outro apenas politicamente, adotando a língua do vencido e influenciando-a apenas em parte.

Adstrato é um tipo de influência que ocorre em forma de troca entre duas línguas usadas ao mesmo tempo no mesmo espaço territorial. É uma espécie de bilinguismo em que o uso de duas línguas poderá resultar em uma terceira língua, por causa das interferências. Quando duas línguas são muito diferentes uma da outra, elas convivem lado a lado sem que nenhuma se sobreponha à outra, ocorrendo apenas empréstimos de palavras. A isso se chama “adstrato permanente”, cujo exemplo que melhor ilustra esta denominação é a língua grega, que, desde o século II a.C., era usada por muitos romanos paralelamente ao latim. O latim nunca dominou nem foi dominado pelo grego, mas dele recebeu várias palavras, muitas das quais servem às línguas modernas ainda hoje para a criação de neologismos.

No Rio Grande Sul, podemos citar vários exemplos que ilustram o adstrato linguístico. Línguas que convivem ou conviveram com o português, influenciando-o e dele recebendo influências, como o espanhol na fronteira, os dialetos dos imigrantes nas colônias, as línguas indígenas nas reservas, etc.

Um exemplo importante de superstrato são os arabismos que passaram ao espanhol e ao português. Os árabes entraram na Península Ibérica em 711 d.C. e ali dominaram politicamente durante oitocentos anos. Eles não conseguiram impor sua língua ao latim vulgar hispânico, mas deixaram muitas palavras no léxico luso-espanhol.

VEJAMOS UM POUCO DA HISTÓRIA DOS ÁRABES:

A entrada dos árabes na Península Ibérica deu-se por motivos religiosos. Maomé, comerciante da cidade de Meca, começou a difundir uma nova crença nas regiões próximas ao Mar Vermelho. Os habitantes de sua própria cidade, porém, não aceitaram suas pregações e o expulsaram. O profeta então fugiu para a cidade que mais tarde se chamaria Medina. Essa fuga ocorreu em 622 d.C. e denomina-se Hégira. Lá, ele encontrou adeptos em número suficiente para retornar a Meca e converter seus habitantes à nova fé. Este é o início da “Guerra Santa”, que levou os árabes a expandirem seu domínio no mundo ocidental.

Após vencerem no oriente médio, eles avançaram para o ocidente e ocuparam todo o norte da África, onde os berberes, povo daquele local, converteu-se ao islamismo e juntou-se a eles. Em

711, com doze mil homens, o general Tarik chegou à Espanha e derrotou o rei visigodo Rodrigo. Em cerca de dois anos, os árabes invadiram toda a Península Ibérica, onde permaneceram até 1492.

No sul da Península, foi maior a influência cultural dos invasores, que ali ficaram durante oito séculos. Os cristãos ficaram ao norte, na região das altas montanhas, onde puderam combater mais facilmente os islamitas.

Os árabes possuíam um grau de cultura bastante elevado. Havia mantido contato com outros povos do oriente e aprendido muito nas escolas gregas, em especial na de Alexandria.

Durante os setecentos anos que permaneceram na Espanha, os árabes organizaram a vida política e intelectual, conviveram com os cristãos e deixaram muitas palavras no vocabulário das línguas ibéricas. Naquele tempo, o português e o espanhol ainda não eram línguas nacionais. Em todo o território que os romanos haviam conquistado e chamado de Hispania, falavam-se várias línguas resultantes do latim vulgar misturado aos diversos falares de outros povos.

Vejamos algumas marcas que o português herdou de outras línguas:

I. SUBSTRATOS

Influências de línguas anteriores à romanização da Península Ibérica:

a) *do substrato céltico, ou língua celta:*

- 1) *a nasalação das vogais - lana > lãa > lã;*
- 2) *a vocalização do grupo ct - nocte > noite, octo > oito;*
- 3) *a sonorização das consoantes surdas intervocálicas - vita > vida;*
- 4) *no vocabulário: bico, cabana, camisa, carro, cerveja, légua, vassalo, etc.*

b) *do substrato basco, ou língua basca:*

- 1) *cerca de trinta palavras, como: arroio, baía, barro, balsa, sapo, manto, etc;*
- 2) *suffixos como: -arro (bizarro), -erro (bezerro), -orro (cachorro).*

c) *influências das línguas dos fenícios e cartagineses:*

- 1) *palavras como: barca, mapa, mata, saco.*

II. SUPERSTRATOS

Influências de línguas posteriores à romanização da Península Ibérica:

a) *do superstrato germânico, aproximadamente 200 vocábulos Exemplos:*

- 1) substantivos, como: harpa, carpa, sabão, bando, coifa, burgo, roca, agasalho, barrão, estaca, elmo, grupo, lata, lasca, marco, saga, sopa, trégua;
- 2) adjetivos, como: branco, morno, fresco, liso, rico, gris, ufano;
- 3) verbos, como: brotar, espiar, guardar, roubar, tirar, ataviar, brandir, estampar, trepar;
- 4) sufixos: -engo (realengo), -arde (covarde), -aldo (Clodoaldo), -ardo (felizardo);
- 5) antropônimos (nomes de pessoa): Ataulfo, Adolfo, Afonso, Álvaro, Arnulfo, Argemiro, Eduardo, Elvira, Frederico, Godofredo, Gonçalo, Raimundo, Ramiro, Ranulfo, Ricardo, Rodolfo, Rodrigo.

b) do *superstrato árabe*, cerca de 600 vocábulos. Exemplos:

- 1) palavras gregas, através do árabe: elixir, alambique, alquimia, acelga, alfândega, alcaparra;
- 2) palavras orientais, através do árabe: azul, anil, caravana, espinafre, xadrez, jasmim, laranja;
- 3) nomes de plantas: algodão, alface, alfafe, alecrim, açucena, açafraão, alcachofra;
- 4) instrumentos: tambor, alicate, algema, aljava, gaita;
- 5) pesos e medidas: alqueire, arroba, quintal;
- 6) ofícios, cargos, empregos: alcaide, alfaiate, almoxarife, adail, almocreve, alferes, califa;
- 7) lugar de atividade: aduana, aldeia, armazém, alcova, arrabalde, arsenal;
- 8) nomes de doenças: enxaqueca, alforra, alifafe, alaravaz;
- 9) alimentos e bebidas: álcool, xarope, almôndega, acepipe;
- 10) topônimos (nomes de lugar): Algarve, Almada, Guadiana, Gibraltar;
- 11) interjeição: Oxalá! = in + sha + Allah (se Alá quiser = se Deus quiser);
- 12) preposição: hatta > até;
- 13) outros vocábulos: alarido, algazarra, alfarrábio, álgebra, alcateia, azar, azulejo, alvará, almofada, alarde, alcunha, javali, cifra.



SAIBA MAIS

Dicas de leitura: Artigo do professor afrânio da silva garcia (uerj), sobre influências de substrato, no site: <http://www.filologia.org.br/soletras/4/07.htm>.

Artigo do professor José Pereira da Silva (UERJ), sobre a contribuição árabe na formação do português, no site: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2\(4\)45-51.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2(4)45-51.html)

Obs.: a maioria dos arabismos começa com a letra /a/. isto se explica porque, na língua dos berberes não havia artigo definido, o que os levava a confundir o artigo árabe com a primeira sílaba do substantivo. as palavras de origem arábica que não começam com /a/ teriam sido transmitidas pelos árabes das classes dominantes, enquanto as começadas com /a/ teriam sido difundidas pelos grupos populares, como os berberes.

5ª semana

Aula 9 – módulo equivalente a 4 horas-aula

OS FALARES ROMANÇOS*Nesta aula será abordado o seguinte item: os falares romanços.**O objetivo é oferecer ao aluno informações históricas sobre a fase de transição entre o latim vulgar e as línguas românicas.***Material de Apoio:** textos teóricos

A palavra romance, ou romance, tem sua origem na expressão latina "romanice fabulare", que era usada em oposição à "latine loqui". Estas duas expressões, opostas, foram utilizadas para designar as diferenças linguísticas de dois grupos de usuários do latim, o de Roma, a capital, e o da România, conjunto de territórios conquistados pelos romanos. Embora se diga que os romances, ou romanços, eram variedades apenas usadas na fala, aos poucos estas línguas foram se desenvolvendo, em cada região, e se tornando cada vez mais independentes do latim, até se constituírem em línguas nacionais. Assim, por exemplo, o romance hispânico se transformou no Espanhol e o romance lusitano se transformou no português. A palavra "romance", na literatura, passou a ser aplicada a partir de obras literárias medievais, porque estas eram escritas em línguas que se diferenciavam do latim, "os romanços".

O conjunto de possessões do Império Romano onde o latim se tornou a língua de civilização denomina-se România e compreende as Gálias (França e parte da Bélgica atuais), a Península Ibérica ou Hispânica (Portugal e Espanha atuais), a Líbia, ou litoral mediterrâneo da África, e a Dácia (atual Romênia).

Em nossa disciplina, vamos dar especial atenção às origens da língua portuguesa, pois ela é o nosso objeto de estudo da habilitação em Letras.

A difusão do latim na Península Ibérica deu-se por volta do século II a.C., quando os romanos conquistaram a Hispania e implantaram sua civilização em quase todos os povoados da Península, que adotaram o latim como língua e mais tarde adotaram também a religião cristã. Destes povos, apenas os bascos resistiram e continuam, ainda hoje, a defender sua cultura e sua língua.

A Península Ibérica foi dividida, inicialmente, em duas grandes províncias, a Hispânia Citerior e a Hispânia Ulterior. A Hispânia Ulterior mais tarde se dividiu em duas outras províncias, a Bética e a Lusitânia, onde se estendia uma antiga província romana, a Gallaecia (Galiza).

A romanização da Península ocorreu gradativamente, com o latim impondo-se pouco a pouco, através de um processo que envolvia a construção de núcleos culturais latinizantes nas províncias,

as civitas, a que os nativos tinham acesso. As civitas eram espaços onde os romanos construíam suas escolas, teatros, templos e estádios, constituindo assim, cada uma delas, uma espécie de centro de romanização. Desse modo, sua cultura era oferecida aos povos conquistados e aos poucos assimilada por estes. (SILVA NETO, 1988).

Os habitantes da Península eram numerosos e suas línguas e culturas bastante diversificadas. Os povos mais antigos eram os Iberos e os mais recentes, que se expandiam para o lado das Gálias, eram os Celtas. No século V d.C., quando se deu a queda do Império Romano no ocidente, a Península Ibérica já estava latinizada, e a língua, em especial no léxico, apresentava-se como uma mescla de latim vulgar e elementos dos falares celtas e ibéricos.

Por volta do século V, povos germânicos, chamados de bárbaros pelos romanos, invadiram o território: alanos, suevos, vândalos e visigodos. Ao dominarem, os visigodos acabaram por completo com a pretensa unidade romana. Depois, fundiram-se com a população românica, adotaram o cristianismo como religião e o latim vulgar como língua.

Esse latim, porém, apresentava um aspecto hispano-românico bem diferente do latim falado de Roma e continuou se modificando, com o passar do tempo, até não ser mais entendido como latim e sim como um falar à moda da România, o *Romanice fabulare*, oposto ao *Latine loqui*, o falar de Roma. (BASSETTO, 2001, p. 185).

Os romances, que teriam iniciado no século V d.C., estenderam-se até o princípio do século IX, quando surgiram os primeiros textos escritos nas diversas línguas românicas. Assim como o latim vulgar, os romances eram variedades linguísticas usadas apenas na fala. Para a escrita, utilizava-se o latim medieval, que, embora já se apresentasse nos documentos com muitos indícios da língua falada, era uma variante do latim literário de Roma.

De acordo com ILARI (1992, p.199), os romances começaram a se impor na língua escrita na forma de interferências, as quais se deviam, sobretudo, à precária cultura dos escribas da época, que, ao redigirem textos latinos, descuidavam-se dos aspectos morfosintáticos. Estas interferências aumentaram cada vez mais entre o fim do primeiro milênio e o início do segundo, revelando o uso crescente de tais variedades linguísticas.

Analisando a história das línguas românicas sob o ponto de vista dos acontecimentos sociais e de sua repercussão, percebemos dois momentos distintos: a romanização, processo em que predominou o poder unificador, e a fragmentação, que motivou a diversificação e a consequente perda da unidade linguística.

Nas origens do português estão, primeiramente, a romanização, como resultado da força política de Roma na expansão do seu Império, seguida da fragmentação da România, em decorrência

das invasões dos povos germânicos, da divisão das províncias e do enfraquecimento do poder dos romanos sobre as regiões conquistadas.

No período compreendido entre a queda do Império Romano e o surgimento dos primeiros textos redigidos em língua portuguesa, existiu o romance lusitano, do qual é difícil encontrar outras fontes documentais além de textos latinos contendo inserções de elementos característicos do falar daquela região. A ausência de registros, porém, não exclui a possibilidade de que tenha havido um português falado muito tempo antes do que se conhece como sua proto-história. Apresentamos aqui um texto latino que já se aproxima do português.

OBSERVE:

ESCRITURA DE DOAÇÃO EM LATIM BÁRBARO (874 D.C.)

Fofino, Gatón, Astrilli, Arguiru, Vestremiru, Guinilli et Aragunti placitum facimus inter nos, unus ad alios, per scripturam firmitatis, notum die quod erit III^o nonas Aprilis era DCCCC^a XII^a, super ipsa ecclesia et super nostras hereditates, quantas habuerimus et ganare potuerimus usque ad obitum nostrum, que non habeamus licentiam super illas nec uindere, nec donare, nec testare in parte extranea, nisi unus ad alios aut ad ipsa ecclesia uocabulo Sancti Andree Apostoli. Et qui minima fecerit, et istum placitum excesserit, pariet parte de que isto placito obseruauerit X boues de XIII^m XIII^m modios, et iudicato. Nos pernominatos in hoc placito manus nostras ro +++ uoramus.

Pro test.: Oliti test., Tramondus test., Arguiru test. Menendo notuit."

(VASCONCELLOS, 1959, p. 9)

Aula 10 – módulo equivalente a 4 horas-aula

LÍNGUAS ROMÂNICAS NACIONAIS E REGIONAIS

Nesta aula serão abordados os seguintes itens: línguas românicas nacionais e regionais.

O objetivo é oferecer ao aluno informações acerca das línguas românicas de maior prestígio e aquelas minoritárias.

Material de Apoio: textos teóricos

Atividades: discussões em fórum e exercícios

Línguas românicas, neolatinas, ou novilatinas, são aquelas que representam a continuidade do latim vulgar, modalidade do latim falado pelas classes populares de Roma e, principalmente, das várias regiões pertencentes ao império romano. As línguas românicas nacionais são cinco: francês, italiano, espanhol, português e romeno. Há muitas outras, não nacionais, como catalão, provençal, rético e sardo, que, ao lado de suas irmãs “maiores”, são faladas em quase todos os continentes.

O adjetivo românico deriva de *Romania*, denominação coletiva dada aos territórios conquistados pelos romanos onde a língua mantinha um certo grau de unidade a partir do século V d.C., opondo-se a *Barbaria*, que caracterizava os invasores germânicos, chamados de povos bárbaros. (BOURCIEZ, 2000). O falar à moda da România (*roman(i)ce fabulare*) era diferente do falar culto de Roma (*latine loqui*) e também dos falares dos germânicos (*barbarice fabulare*), podendo ser considerado, então, a grande variedade de línguas das províncias, que tinham por base o latim vulgar, mas apresentavam características próprias de cada lugar onde eram utilizadas.

O latim, língua dos habitantes do Latium, cuja capital é Roma, no passado foi uma das línguas mais prestigiadas do mundo, comparável ao inglês atualmente. Como qualquer língua, também era composto de muitas variedades. A variante clássica era ensinada nas escolas, utilizada na escrita de documentos, de textos artísticos e usada pelas classes dominantes de Roma; é o latim das obras literárias, estudado ainda hoje, também chamado de língua “morta”, por não ser mais representativo de nenhuma nação, embora usado oficialmente em cerimônias religiosas e na redação de documentos no Estado do Vaticano. Este latim escrito também passou por algumas transformações ao longo dos séculos, sem, contudo, sofrer grandes alterações estruturais. Além das instituições religiosas, foi usado nas universidades europeias, até o século XVIII, como língua internacional na escrita de tratados filosóficos e científicos, bem como de vários documentos.

Paralelamente ao latim clássico, havia a língua falada pelas diferentes camadas sociais do império romano. Era um latim menos complexo no aspecto morfosintático e em seu léxico incorporava elementos diversos, de acordo com o contexto em que era utilizado. A influência que recebeu de outros povos, associada aos fatores que contribuíram para a fragmentação do império romano, fez com que o latim vulgar evoluísse até se transformar nas línguas românicas.

A primeira língua românica de que se tem registro é o francês, falado na França e, dividindo espaço com outras línguas, também na Bélgica, Suíça, Mônaco, Andorra, Luxemburgo, Província do Québec (Canadá), Guiana Francesa, Haiti e em mais de vinte territórios no continente africano. O mesmo documento que fundou a nação francesa instituiu também a língua. Conhecido como “Os Juramentos de Estrasburgo”, este texto data de 842 d.C. e seu autor ousou redigi-lo em uma língua que não o latim, marcando, assim, a independência dos reinos que mais tarde se tornariam a França e a Alemanha. (ILARI, 1992)

Pouco mais de cem anos depois, tem-se o primeiro fragmento da primitiva língua italiana. É um registro de propriedade, no sul da Itália, escrito em latim, mas com as declarações das testemunhas redigidas na língua local da época. O italiano atual, porém, vem do dialeto toscano, ou florentino, pelo fato de que Florença, nos séculos XIII e XIV, destacou-se como centro cultural e econômico. Berço de escritores como Dante, Petrarca e Boccaccio, ali se consagrou, pela literatura, a variante linguística dominante. Além da Itália, o italiano é falado também na República de San Marino, no Estado do Vaticano, na Suíça e em comunidades de imigrantes espalhadas pelo mundo todo.

O espanhol, ou castelhano, língua nacional da Espanha e de todos os países latino-americanos, exceto o Brasil, é também falado em comunidades nos Estados Unidos, Canadá, Marrocos, Filipinas e várias outras. A província romana da Hispania teve sua cultura e seus falares nativos latinizados, com exceção dos bascos que, ainda hoje, mesmo em território espanhol, conservam sua língua e seus costumes. No período de transição entre os falares romanizados e a nova língua da Espanha, destacou-se o *castelhano*, língua de Madri e arredores, que constituiu o modelo da escrita e se manteve à frente das demais línguas.

O romeno, falado na Romênia e em comunidades da Moldávia, Iugoslávia, Bulgária e Macedônia, é uma língua românica oriental, considerada “meia-irmã” das ocidentais. Possui grande número de influências não latinas em sua estrutura, fato este que se deve à distância das demais províncias romanas e, sobretudo, ao contato com línguas do ramo eslavo e também línguas como húngaro, turco e grego.

O português, falado em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, é a mais recente das línguas românicas. Desenvolveu-se na costa oeste da Península Ibérica (atuais Portugal e região da Galiza), na província romana da Lusitania. Desde a chegada dos romanos, a partir de 218 a.C., até o século IX, supunha-se que os falares daquela região fossem constituídos de uma mistura de latim vulgar com influências de línguas dos povos celtas, germânicos e árabes, pois não se tem registos escritos para comprovar. Os primeiros documentos não latinos da região, como os Cancioneiros, datam do século XI, quando o galego-português se firma como língua falada e escrita da Lusitânia. A separação entre o galego e o português começa em 1185, com a independência de Portugal, e se consolida após a expulsão dos árabes, em 1249, e com a derrota dos castelhanos que tentaram anexar o país em 1385.

As línguas românicas não nacionais, também chamadas de dialetos românicos, são: o catalão, falado na Espanha (Catalunha), Andorra, França e Itália (Sardenha); o franco-provençal, falado no Sudeste da França, no Oeste da Suíça e no Norte da Itália; o galego, falado na província espanhola da Galiza; o provençal, falado na Provença e outras cidades do Sul da França; o rético, falado na Suíça e no Norte da Itália e o sardo, falado na Ilha italiana da Sardenha. Todas estas línguas são faladas também em vários outros países, levadas por grupos migratórios.

6ª semana*Aula 11 – módulo equivalente a 4 horas-aula***HISTÓRIA DO PORTUGUÊS***Nesta aula será abordado o seguinte item: história do português.**O objetivo é oferecer ao aluno informações sobre as origens e a evolução da língua portuguesa**Material de Apoio: mapas e textos.*

Durante os setecentos anos de dominação árabe na Península Ibérica (711–1492), ocorreram muitas guerras entre estes e os hispânicos. Para lutar contra os árabes, os nobres europeus contribuíam com os hispânicos, nas chamadas cruzadas cristãs.

No ano de 1085, D. Henrique de Borgonha, cavaleiro que havia colaborado na luta contra os árabes, recebeu do rei Afonso VI, de Castela, um feudo localizado entre o Minho e o Mondego, denominado Condado Portucalense. O rei concedeu-lhe também a mão de sua filha, Tareja, com a qual D. Henrique se casou e teve um filho, Afonso Henriques.

Após a morte de D. Henrique de Borgonha, a viúva Tareja assumiu o poder e planejava se casar novamente, desta vez com D. Fernando, da Galiza. Afonso Henriques, porém, não aprovava o novo enlace de sua mãe. Desentendendo-se com ela, tomou o poder, na Batalha de São Mamede, em 1128, e se fez proclamar rei.

Em 1143, na Convenção de Zamorra, Portugal tornou-se um reino independente da Galiza e estendeu seu território para o sul. Afonso Henriques e seus sucessores continuaram a expulsar os árabes, até que, em 1250, Afonso III concluiu a conquista do Algarve, fixando então os atuais limites de Portugal.

A língua falada continuou sendo o galego-português, até o século XIV. Mais tarde, com o deslocamento da capital e da corte para o sul, ocorreu o rompimento da relativa unidade linguística galaico-portuguesa. Aos poucos, o português culto foi se adaptando à fala da região entre as atuais cidades de Coimbra e Lisboa.

Além do deslocamento geográfico, a língua também evoluiu durante três séculos, sendo utilizada na elaboração de textos (prosa hagiográfica, doutrinária e histórica) e também sofreu as influências do Humanismo e da Renascença.

Na Renascença, o português reencontrou a cultura greco-latina e incorporou vários latinismos ao seu vocabulário e à sua sintaxe. A Renascença também foi um período de valorização das “línguas vulgares”. Nesta época surgiram as primeiras gramáticas do português, escritas sobre moldes latinos: Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1450).

Podemos dividir a história da língua portuguesa em partes distintas, chamadas fases:

FASE PRÉ-HISTÓRICA

(até o século IX): textos escritos em latim.

FASE PROTO-HISTÓRICA

(do século IX ao século XIII): documentos de cartório, escritos em latim medieval, com algumas interferências da língua falada, o chamado *romance lusitânico*.

FASE HISTÓRICA

(do século XII até nossos dias): esta fase divide-se em dois períodos:

1º PERÍODO: português Arcaico (do século XII ao século XV): textos de poesia, mais tarde, surgem os primeiros textos em prosa (as poesias reunidas nos "Cancioneiros" e as "Crônicas" de Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara e Rui de Pina são textos que documentam este período). Em 1290, D. Dinis, o rei 'Trovador', torna obrigatório o uso da língua portuguesa e funda, em Coimbra, a primeira Universidade.

2º PERÍODO: Português Moderno (do século XVI até hoje):

- Em 1572, Luís de Camões publica "Os Lusíadas", marco histórico da literatura e da língua portuguesa;
- Surgem as primeiras tentativas de gramaticalização da língua. Fernão de Oliveira edita, em 1536, a primeira Gramática da língua portuguesa, intitulada «Gramatica da Lingoagem Portugueza». Em 1540, João de Barros escreve, com o mesmo título, a segunda gramática da língua portuguesa.

A partir do século XV, com a expansão marítima, os portugueses chegaram a novas terras e a elas levaram a sua língua.

HISTÓRIA DA ORTOGRAFIA PORTUGUESA

A história da ortografia portuguesa divide-se, de acordo com suas características, em três períodos: FONÉTICO, PSEUDO-ETIMOLÓGICO e SIMPLIFICADO.

1. PERÍODO FONÉTICO

Características:

- ausência de uma norma ortográfica e variação na representação dos sons da linguagem falada.

2. PERÍODO PSEUDO-ETIMOLÓGICO

Características:

- aproximação com a escrita do latim clássico;
- complexidade da representação fonética (grafias como **fecto** (feito), **regno** (reino);

- emprego frequente de consoantes duplas (*metter*, *fallar*, etc);
- ocorrência dos grupos consonantais **PH, CH, TH e RH** (*pharmacia*, *lythografia*, *Matheus*, etc.);
- introdução de letras que não eram pronunciadas, como em *esculptura*, *astma*, *character*, etc.;
- uso do *y* em muitos vocábulos, como em *lythografia*, *typoia*, *lyrio*, etc.

A intenção era transformar a escrita em etimológica, mas por ignorância tal intento não se realizou.

No início do século XIX, o escritor Almeida Garrett defendeu uma escrita simplificada e a necessidade de uma reforma ortográfica.

As diferenças entre o português arcaico e o moderno podem ser observadas na grafia, na morfologia, na sintaxe e no vocabulário:

I. NA GRAFIA DAS PALAVRAS

Havia absoluta falta de normatização na transcrição das vogais e consoantes. Ex.:

- 1) várias representações de semivogais: *i*, *y*, *j*, *ij*, *h*, = *i*: *cabha* = cabia; *rey* = rei;
- 2) duplicação de vogais ou /h/: *ceeu* = céu; *dooe* = dói;
- 3) dois acentos agudos, ou *til*, ou /m/, ou /n/ para marcar nasalação: *mááos* = mãos; *omde* = onde; *canbhio* = câmbio;
- 4) o ditongo nasal /ão/ podia ser representado por: *om*, *on*, *an*, *am*, *õ*: *sermon* = sermão; *coraçõ* = coração;
- 5) /b/ = /v/: *abia* = havia;
- 6) /c/ e /cz/ = /ç/: *particon* = partição; *peczo* = peço;
- 7) /ch/ = /c/: *nuncha* = nunca;
- 8) consoantes dobradas no início, no interior e no fim das palavras (exceto /rr/ e /ss/ que são usadas ainda hoje na posição intervocálica): *fficar*, *rrey*;
- 9) /g/ antes de /e/ e de /i/ = *gu*: *Agiar* = Aguiar;
- 10) /g/ antes de /a/, /o/ e /u/ = *j*: *mangar* = manjar; *Gurge* = Jorge;
- 11) /gi/ = /j/: *beigio* = beijo;
- 12) /gu/ = /g/: *julguava* = julgava;
- 13) /g/ = /i/: *regno* = reino;
- 14) /h/ podia marcar hiato: *trahedor* = traidor; também podia aparecer ou não no início das palavras: *haver*, *aver*;
- 15) = *que*: *aqela* = aquela; *qu* = *c*: *quada* = cada;
- 16) /u/ = /v/: *liurar* = livrar;
- 17) /v/ = /u/: *ovuir* = ouvir;
- 18) /x/ = /ss/ ou /s/: *dixe* = disse; *Lixboa* = Lisboa;
- 19) /z/ = /s/ ou /ç/: *zapateiro* = sapateiro; *lanzar* = lançar.

II. NA MORFOLOGIA

- 1) gênero de alguns substantivos e adjetivos: fim, mar, planeta, cometa, clima, diadema eram femininos; tribo, coragem, língua-
gem eram masculinos; nomes terminados em **-nte, -or, -ês e -ol**
eram tanto femininos quanto masculinos: *mia senhor*;
- 2) verbos e formas nominais: a) -des = 2ª pessoa do plural, no indi-
cativo presente: *amades* = amais; b) -de = 2ª pessoa do plural im-
perativo: *amade* = amai; c) -om = 3ª pessoa do plural no pretérito
perfeito do indicativo: *ouverom* = houveram; d) -udo = particípio
dos verbos da 2ª conjugação: *perdudo, sabudo*;



SAIBA MAIS

Amplie seus conhecimentos sobre a história da língua portuguesa, no site: <http://www.linguaportuguesa.ufrn.br/>

III. NO VOCABULÁRIO

Algumas palavras mudaram a forma, outras mudaram o significado e outras desapareceram sem deixar rastros:

coita = sofrimento, dor, aflição
ca = porque, pois que, que, do que
louçana = velida, bela
atender = esperar
asinha = depressa
adur = apenas, por acaso
mentre = enquanto
quitar = separar
de pran = claramente
cousir = escolher

IV. NA SINTAXE

Distinguiam-se os seguintes fatos:

- 1) Na construção do período: excesso de orações num mesmo período; excesso de elementos de ligação; pontuação escassa; ordem indireta (verbo no final da frase);
- 2) Pronomes retos em lugar de oblíquos e vice-versa: "levaram ele..."; "vamos eu e ti...";
- 3) Verbos de movimento com a preposição em: "vai en Paraíso...";
- 4) Redundâncias: "boas bondades", "oje en este dia";
- 5) Confusão dos verbos ter e haver: "rrey Leyr non ouve filho".

Observe as características do português arcaico no seguinte texto:

CANTIGA DA RIBEIRINHA (OU GARVAIA)

(PAIO SOARES DE TAVEIRÓS - 1189)

No mundo non me sei parelha	<i>(não conheço ninguém no mundo igual a mim</i>
mentre me for' como me vay	<i>enquanto for para mim como acontece</i>
ca moiro por vos - e ay!	<i>porque eu morro por vós - ai!</i>
mia senhor branca e vermelha,	<i>Minha senhora alva e rosada</i>
queredes que vos retraya	<i>quereis que vos descreva</i>
quando vus eu vi en saya!	<i>quando eu vos vi em saias</i>
Mao dia me levantei,	<i>Mau dia (aquele que) me levantei</i>
que vus enton non vi fea!	<i>pois então vi que não sois feia</i>
E, mia senhor, des aquel di' aya!	<i>E, minha senhora, desde aquele dia</i>
me foi a mi muyn mal,	<i>me fez muito mal</i>
e vos, filha de don Paay	<i>e vós, filha de D. Pai Muniz</i>
Moniz, e ben vuz semelha	<i>parece-lhe bom</i>
d' aver eu por vos guarvaya,	<i>que eu vos cubra com a garvaia (manto)</i>
pois eu, mia senhor , d'alfaya	<i>logo eu, minha senhora,</i>
nunca de vos ouve nem ei	<i>que de vós nunca recebi nem tive</i>
valia d' ua correa.	<i>qualquer coisa que valesse um cento.)</i>

Aula 12 – Módulo equivalente a 4 horas-aula

PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE O PORTUGUÊS E O LATIM

Nesta aula será abordado o seguinte item: diferenças entre o latim e o português.

O objetivo é oferecer ao aluno reflexões teóricas e visualização de aspectos gramaticais do latim ao português.

Material de Apoio: fichas de gramática.

Atividades: exercícios

Nesta aula, vamos revisar um pouco a gramática da língua latina clássica, para então observarmos que aspectos sobreviveram ou não na língua portuguesa. Devemos lembrar, antes de tudo, que o português se originou a partir da variedade popular falada do latim. Nossas regras gramaticais, no entanto, muitas vezes, formaram-se com base nas regras do latim escrito.

Vejamos um quadro comparativo dos dois latins, o clássico e o vulgar, com o português:

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
1	Ditongos: <i>ae</i> = [ay] e <i>oe</i> = [oy]	Os ditongos se reduzem a vogais simples: <i>ae</i> = [ê] e <i>oe</i> = [ê]	O português mantém as vogais simples
	<i>Saeculum, Poena</i>	<i>Seculu, Pena</i>	Século, Pena

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
2	Grande número de palavras iniciava com grupo consonantal:	Acrescentava-se uma vogal no início da palavra:	Mantém as vogais iniciais
	<i>Spata, Statua</i>	<i>Ispata, Istatua</i>	Espada, Státua

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
3	As palavras tinham a tendência em terminar em consoante	Queda das consoantes no final das palavras	Segue a regra das palavras com vogal no final
	<i>Imperium, Paulus, et, aut</i>	<i>Imperiu, Paulu, e, au</i>	Império, Paulo, e, ou

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
4	Havia três gêneros gramaticais - masculino, feminino e neutro:	Havia apenas os gêneros masculino e feminino:	Possui apenas os gêneros masculino e feminino:
	<i>Bonus, bona, bonum</i>	<i>Bonu, bona</i>	Bom, boa

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
5	As palavras dividiam-se em cinco grupos (declinações):	As palavras dividiam-se em três grupos (declinações):	As palavras não se dividem em grupos.
	-a, -o, -i, -u, -e	-a, -o, -e	

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
6	Havia quatro conjugações verbais:	Havia três conjugações:	Há três conjugações:
	am-are, deb-ere, bib-ere, audi-ire	am-are, deb-ere, audi-ire	am-ar, dev-er, ouv-ir

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
7	O futuro imperfeito era de forma sintética:	O futuro imperfeito era construído com uma perífrase de infinitivo + habere conjugado no presente:	A forma sintética, herdada do latim, retorna ao analitismo:
	amabo, debebo	amare habeo > amar hei, debe-re habeo > deber hei	Amarei, deverei — vou amar, vou dever

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
8	A voz passiva do presente era sintética, por meio de desinências:	A voz passiva do presente era analítica:	A voz passiva do presente é analítica:
	Filia amatur a matre	Filia amata est a matre	A filha é amada pela mãe

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
9	A voz passiva do passado era analítica com o verbo auxiliar conjugado no presente:	A voz passiva do passado era analítica com o verbo auxiliar conjugado no passado:	A voz passiva do passado é analítica com o verbo auxiliar conjugado no passado:
	amatus sum amatus eram	amatus fui amatus fueram	Fui amado/a, fora amado/a

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
10	Havia preferência pelo grau comparativo sintético dos adjetivos:	Utilizava apenas o grau comparativo analítico:	O grau comparativo é analítico:
	Marcia Altior est amica	Marcia magis alta est quod amica	Márcia é mais alta do que a amiga

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
11	Não era necessária ordem nos termos da oração, porque as funções sintáticas eram indicadas pela terminação das palavras	A ordem nos termos da oração era necessária, porque as funções sintáticas não eram indicadas pela terminação das palavras	A ordem nos termos da oração é necessária, porque as funções sintáticas não são indicadas pela terminação das palavras
	Paulus Petrum visitat	Paulu visitat Petru	Paulo visita Pedro

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
12	<i>Preferia orações reduzidas</i>	<i>Preferia orações desenvolvidas</i>	<i>Prefere orações desenvolvidas</i>
	<i>Poeta dixit lunam videre</i>	<i>Poeta dixi quod vidi luna</i>	<i>O poeta disse que viu a lua</i>

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
13	<i>Uso de preposições reduzido</i>	<i>Uso de preposições ampliado</i>	<i>Uso de preposições ampliado</i>
	<i>Pater dedit libros historiae pueris</i>	<i>Pater dedi libros de historia ad pueros</i>	<i>O pai deu livros de história para os meninos</i>

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
14	<i>Preferência por palavras de cunho erudito</i>	<i>Preferência por palavras de cunho popular</i>	<i>A maioria das palavras vem do latim popular</i>
	<i>Auris, apis, equus</i>	<i>auricula, apicula, caballu</i>	<i>Orelha, abelha, cavalo</i>

	LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
15	<i>Não havia artigos:</i>	<i>Usava-se o pronome demonstrativo "ille/illa" com função de artigo:</i>	<i>Criaram-se os artigos o(s)/a(s) :</i>
	<i>Discipula venit</i>	<i>Illa discipula veni</i>	<i>A aluna chegou</i>

O artigo das línguas neolatinas é uma evolução do pronome demonstrativo "ille". Na Língua Portuguesa, ele sofreu alteração fonética de "le" para "lo". Depois, a partícula ainda perdeu a consoante, restando a forma atual "o/a". As outras línguas românicas mantiveram a consoante /l/:

SINGULAR		PLURAL	
masculino	feminino	masculino	feminino
nom. (il) le	(il) la	(il) li	(il) lae (le)
dat. (il) lui	(il) laei (lei)	(il) loru(m) (loro)	(il) loru(m)
acus. (il)lu(m)(lo)	(il)la(m)	(il)los	(il)las

	SINGULAR		PLURAL	
	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
ESPAÑHOL	el	la	los	las
ITALIANO	il/lo	la	i/gli	le
FRANCÊS	le	la	les	les
PORTUGUÊS	o	a	os	as

Viu só como o latim vulgar é muito mais acessível do que o latim clássico? Para compreender um pequeno texto, não precisamos de muitos conhecimentos gramaticais. Basta "fazer de conta" que estamos diante do português.

7ª semana

Aula 13 – módulo equivalente a 4 horas-aula

A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO PORTUGUÊS

Nesta aula será abordado o seguinte item: a constituição do léxico português.

O objetivo é oferecer ao aluno informações sobre a formação das palavras da língua portuguesa.

Material de Apoio: dicionários e gramáticas históricas.

Atividades: exercícios

A maior parte das palavras do português veio do latim vulgar falado na Península Ibérica, em especial em uma região chamada Lusitânia, onde hoje está o centro de Portugal. Além do latim popular, também entraram palavras de outras línguas que eram faladas naquele lugar.

Os processos mais comuns de formação de palavras são dois: a composição e a derivação.

Segundo Ullmann (1962), podem-se destacar cinco ordens de circunstâncias: linguísticas, históricas, sociais, psicológicas e de necessidade de um novo termo.

- a) **Circunstâncias linguísticas** — uma palavra pode mudar de significado por razões estruturais/contextuais; uma palavra pode deixar de pertencer ao léxico comum e passar a fazer parte dos recursos gramaticais da língua.
Non uidi rem natam (Não vi coisa nascida/criada) > não vi nada; não quero nada; não disse nada...
- b) **Circunstâncias históricas** — *monere* (admoestar, dar conselhos) > moeda, moneda, monnaie, moneta. A relação entre os dois significados está no fato de que os romanos veneravam a deusa Juno como boa conselheira; nesse mesmo templo também funcionava a prensa em que eram cunhadas as moedas romanas.
- c) **Circunstâncias sociais** — uma palavra pode ter sua significação alterada (por especificação ou generalização) ao passar do uso de um grupo fechado para o domínio comum ou vice-versa. Exemplo de especificação de sentido: *sancio* (proibir) > *sanctus* (intocável por motivos religiosos); e *uir* (varão) > *uirtus* (força física). Estas palavras foram reinterpretadas pelo cristianismo de acordo com seus próprios valores: *uirtus* passou a significar força moral (virtude), e *sanctus* a bem-aventurança extraterrena e o comportamento necessário para alcançá-la. Como exemplo de generalização de sentido, pode-se tomar o verbo latino *impedire* (impedir). No latim, inicialmente, era uma palavra usada no campo, quando o pastor derrubava a ovelha segurando-a pelos pés (*pes*, *pedis*). Ao passar para o vocabulário comum restou apenas a ideia de obstáculo (de qualquer tipo).

- d) **Necessidades de denominação** - quando numa cultura aparecem objetos, técnicas ou noções novas, importados de povos vizinhos, em geral é adotado o termo que os designava na cultura de origem; quando surgem dentro da própria comunidade linguística, costuma-se criar sentidos novos para palavras já existentes. Lembremos que muitas palavras latinas, usadas inicialmente no contexto agropastoril em que viviam os romanos primitivos, mais tarde ganharam novo sentido. Exemplo: *legere* (reunir os grãos) passou a significar também o ato de ler (colher as letras); *angustia* (espaço estreito) passou a significar também a sensação de aperto.

O LÉXICO DO PORTUGUÊS

Até o início do século XIII, quando surgiram seus primeiros textos, cerca de 80% das palavras do português eram de origem latina e o restante de palavras pré-romanas, germânicas e árabes. (Azeredo, 2000, p.72).

A partir desta época, o português entrou em contato com várias outras línguas e adotou muitas de suas palavras, num processo que ainda hoje se verifica.

Assim, podemos dividir as palavras da nossa língua em dois grandes grupos:

- 1º) aquelas que vieram pela tradição histórica, transmitidas de geração em geração, que compreendem o latim popular e as línguas pertencentes aos povos que habitavam a Península Ibérica antes da chegada dos romanos no século II a.C. (como *arroio, balsa, barro, cabana, cama, esquerdo, gordo, légua, lousa, mapa, mata, peça, saco*, etc.), os *germanismos*, que entraram com as invasões “bárbaras” do século V, (tais como *albergue, anca, banho, branco, espora, guerra, roupa*) e os *arabismos*, a partir do ano 711, como *açougue, açude, alface, álgebra, arroz, azeite*, etc.).
- 2º) os empréstimos provenientes de outros sistemas linguísticos, inclusive do latim, os chamados *cultismos* ou *eruditismos*. Estas palavras entraram no português após o término de seu período de formação, introduzidas por poetas, literatos e cientistas, como os adjetivos “áureo”, “pluvial”, “ocular”, “digital”, “capilar”.

O primeiro grupo é o mais importante, porque, além de ser mais frequente no uso comum, também serve de modelo para as palavras que entram por importação estrangeira ou que derivam da própria língua. Por exemplo, durante a fase do galego-português, os sons da língua latina foram sofrendo alterações até que mais tarde se constituísse certa “identidade” fonética e morfológica para a língua portuguesa. Por exemplo, a palatalização das consoantes /c/ e /g/ antes das vogais /e/ e /i/ hoje já é uma convenção. Assim, um estrangeirismo que possua as sílabas /ce/, /ci/, /ge/ e /

gi/, ao ser adotado pelo português, será pronunciado desta forma. Por exemplo, a palavra “centro” veio do grego “kentron”, através do latim “centru”; “gim” veio do inglês “gin” [dzin], e assim por diante.

O léxico da língua portuguesa é muito variado e extenso. Temos, muitas vezes, a mesma origem latina para palavras que se apresentam em formas diferentes. Isto se explica porque há duas vias pelas quais os latinismos chegaram ao nosso vocabulário: a corrente erudita e a corrente popular. Estas palavras têm a mesma origem, o latim, porém, umas têm uso mais popular, porque vieram do latim vulgar, e outras têm uso mais restrito, porque foram trazidas, posteriormente, do latim literário. Para compreender melhor, visualizemos o seguinte esquema:

RAIZ LATINA	PALAVRA POPULAR (COM A RAIZ MODIFICADA)	PALAVRA ERUDITA (COM A RAIZ INALTERADA)
<i>aqu-</i>	<i>aguado</i>	<i>aquoso</i>
<i>clam-</i>	<i>chamado</i>	<i>clamor</i>
<i>liber-</i>	<i>livrar</i>	<i>liberar</i>
<i>cathedr-</i>	<i>catedrático</i>	<i>cadeirante</i>
<i>ocul-</i>	<i>olho</i>	<i>ocular</i>
<i>pauper-</i>	<i>empobrecido</i>	<i>depauperado</i>
<i>plen-</i>	<i>cheio</i>	<i>pleno</i>

Além das palavras pré-românicas (substratos), germânicas e árabes (superstratos), o léxico da língua portuguesa também importou, e continua importando, vocábulos de muitas outras línguas, latinas ou não, seja através dos escritores da literatura, seja por meio de empréstimos no contato com outras culturas. Muitos destes empréstimos foram aportuguesados, de acordo com a nossa grafia e pronúncia, e hoje estão devidamente dicionarizados; outros simplesmente entraram, no nosso falar cotidiano ou em áreas técnicas, e foram ficando. Já estamos tão acostumados com determinadas expressões que nem saberíamos mais viver sem elas, mesmo que sejam substituíveis. Observemos alguns velhos e novos exemplos:

- 1) do provençal (séc. XII e XIII): *alegre, anel, jogral, viagem, artilharia, freira, linhagem, salitre, rouxinol, trovar, vianda*;
- 2) do sânscrito (séc. XVI): *brâmane, cânfora, casimira, gengibre, carmesim, hindu, jambo, sândi, sândalo, suarabácti, nirvana*;
- 3) do hindustâni: *andor, bengala, chita, pijama, xampu*;
- 4) do chinês: *chá, caulim, nanquim, chávena, ganga, tufão*;
- 5) do japonês: *biombo, caratê, gueixa, quimono, haraquiri, iene, sushi*;
- 6) do persa: *caravana, divã, espinafre, gaze, jasmim, beringela, paraíso, quiosque, taça, tulipa, turbante, xá*;
- 7) do francês: *blusa, boné, bufê, canapé, chapéu, croquete, garagem, madame, purê, regimento, restaurante, trem*;

- 8) do italiano: *ágio, fachada, lasanha, pizza, opereta, tchau, violino, piano;*
- 9) do espanhol: *baunilha, caudilho, guitarra, guerrilha, mantilha, muleta, tertúlia;*
- 10) do inglês: *big, chat, designer, diet, drive, fashion, flat, marketing, recall, promoter, ranking, sexy, show, shopping, software, winchester;*



SAIBA MAIS

Leia mais sobre o léxico da língua portuguesa em:

http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/origens_lex_port.pdf

Especificamente no Brasil, o português recebeu, na formação do seu léxico, também a contribuição de muitas palavras das línguas indígenas (*abacaxi, mandioca, maracujá, piranha, sabiá, etc.*) e africanas (*vatapá, acarajé, caçula, cafuné, moleque, senzala, samba, etc.*).

Dizem que as línguas são “gulosas por natureza” e que, com o passar do tempo, de tanto engolir palavras, costumam “engordar muitos quilos”. Será que o português está acima do peso?

Aula 14 – módulo equivalente a 4 horas-aula

METAPLASMOS

Nesta aula será abordado o seguinte item: metaplasmos

O objetivo é oferecer ao aluno informações acerca da evolução nos sons e na grafia das palavras do português.

Material de Apoio: fichas e vocabulários.

Atividades: exercícios de gramática histórica.

Antes de iniciar o estudo da evolução das palavras, observe alguns sinais gráficos que são usados em gramática histórica:

> este sinal é usado para indicar que uma palavra passou de uma língua para outra, no nosso caso, do latim ao português. Exemplo: *computare* > *comptare* > *contar*

* o asterisco colocado antes de uma palavra significa que ela não está documentada. Usa-se para indicar palavras hipotéticas ou aquelas que não estão dicionarizadas, que não fazem parte da língua culta. Exemplo: *claro* > **craro*; *mulher* > **muié*

a flecha (>) indica um processo de derivação de palavra dentro da mesma língua. Exemplo: *rapaz* > *rapaziada*

Metaplasmo é uma palavra de origem grega (meta = além + plasmos = formação), que significa transformação. Na área de gramática histórica, é o estudo das modificações nos sons das palavras através de sua evolução.

No português, podemos considerar dois tipos de alterações sofridas pelas palavras:

- 1) as que ocorreram do latim ao português;
- 2) as que ocorrem atualmente entre os falares populares e a norma linguística padrão. Exemplos:

METAPLASMOS	PALAVRAS	MUDANÇAS OCORRIDAS
Do latim ao português	<i>altus</i> > <i>alto</i>	Perda do "s" final e passagem da vogal "u" para "o"
Do português culto à fala popular, ou regional	<i>três</i> > <i>trêis</i>	Ditongação da vogal "e"

Os metaplasmos podem ser de quatro tipos, motivados por acréscimo, subtração, transposição e troca. Vejamos:

I. METAPLASMOS POR ACRÉSCIMO

- 1) PRÓTESE = acréscimo de fonema(s) no início do vocábulo: **sta-re > estar**
- 2) EPÊNTESE = acréscimo de fonema(s) no interior do vocábulo: **stella > estrela.**
- 3) PARAGOGE = acréscimo de fonema(s) no final do vocábulo: **sto > estou**
- 4) DITONGAÇÃO = formação de ditongo por acréscimo de semivogal: **arena > area > areia.**

II. METAPLASMOS POR SUBTRAÇÃO

- 1) AFÉRESE = queda de fonema(s) no início do vocábulo: **acume > gume**
- 2) SÍNCOPE = queda de fonema(s) no interior do vocábulo: **malu > mau**
- 3) APÓCOPE = queda de fonema(s) no final do vocábulo: **male > mal; saber > sabê**
- 4) CRASE = queda de vogal quando há duas iguais: **pede > pee > pé**
- 5) ELISÃO = queda de vogal final quando a palavra seguinte começa por vogal: **de + intro = dentro.**

III. METAPLASMOS POR TRANSPOSIÇÃO

- 1) METÁTESE = transposição de fonema na mesma sílaba; **pro > por**
- 2) HIPÉRTESE = transposição de fonema de uma sílaba para outra: **primariu > primairo > primeiro**
- 3) HIPERBIBASMO = transposição do acento tônico. Subdivide-se em:
 - sístole = transposição do acento para a sílaba anterior: **pantanu > pântano;**
 - diástole = transposição do acento para a sílaba posterior: **gemitu > gemido.**

IV. METAPLASMOS POR TROCA

- 1) SONORIZAÇÃO = troca de uma consoante surda por sua homorgânica sonora: **p > b, t > d, c > g, f > v: lupu > lobo**
- 2) ENSURDECIMENTO = troca de uma consoante sonora por sua homorgânica surda: **b > p, d > t, g > c, v > f: unido > *unito**
- 3) VOCALIZAÇÃO = troca de uma consoante por uma vogal: **noc-te > noite**
- 4) CONSONANTIZAÇÃO = troca de vogal por consoante: **i > j, u > v: iam > já; uita > vida**
- 5) MONOTONGAÇÃO = troca de ditongo por vogal simples: **fruito > fruto**

- 6) NASALAÇÃO = troca de vogal oral por vogal nasal:
mihi > mim; assim > *ansim
- 7) DESNASALAÇÃO = troca de vogal nasal por vogal oral:
corona > corôa > coroa
- 8) PALATIZAÇÃO = troca de fonema(s) simples por palatais (nh, lh, j, ch, x): **vinea > vinha**
- 9) ASSIMILAÇÃO = aproximação ou identidade de fonemas por influência exercida de um sobre o outro:
ipse > isse > esse; auru > ouro
- 10) DISSIMILAÇÃO = é o contrário da assimilação. É a diversificação ou queda de um fonema por causa de outro igual ou semelhante no mesmo vocábulo: **Massilia > Marselha**
- 11) DEGENERAÇÃO = passagem de uma consoante para outra que não é sua homorgânica: **caballu > cavalo; albu > alvo**
- 12) ROTACISMO = troca do /l/ pelo /r/: **bicicleta > *bicicreta**
- 13) LAMDACISMO = troca do /r/ pelo /l/: **carro > calo; quero > quello**
- 14) IEÍSMO = troca do /lh/ pelo /i/: **mulher > *muié; milho > miio**
- 15) ELEVAÇÃO = passagem das vogais médias átonas /e/ e /o/ para as altas /i/ e /u/: **menino > mininu**
- 16) ABAIXAMENTO = passagem das vogais altas, átonas, para médias: **altu > alto.**

**SAIBA MAIS**

Leia mais: www.filologia.org.br/cluerj-sg/anaais/iii/completos/palestras/ruymagalhaesdearaujo.pdf

8ª semana

Aula 15 – módulo equivalente a 4 horas-aula

ESTUDO DE TEXTOS ARCAICOS*Nesta aula será abordado o seguinte item: estudo de textos arcaicos.**O objetivo é oferecer ao aluno instrumentos para análise linguística de textos escritos em português arcaico e galego-português.**Material de Apoio: textos de poesia trovadoresca e de prosa arcaica.**Atividades: exercício de análise linguística*

Os textos arcaicos que veremos nesta aula pertencem ao chamado período do português arcaico (séc. XII a XVI), em que não havia sistematização na escrita. Os escribas tentavam representar foneticamente os sons das palavras que escreviam, adaptando velhas grafias ou inventando novas. Um mesmo documento apresentava os mesmos sons com grafias diferentes ou sons diferentes apareciam com a mesma grafia. Este período é também chamado de fonético, porque se escrevia de acordo com o ouvido, e não com as regras que hoje utilizamos. Revise a aula 11 antes de iniciar os exercícios.

Observe os seguintes textos, depois identifique as diferenças linguísticas (características do português arcaico) em relação à nossa língua atual. Tente reescrever os textos no português de hoje:

POESIA TROVADORESCA (SÉC. XIII)**CANTIGA DE AMIGO** (El-Rei Dom Dinis)

*Ai, flores, ai flores do verde pino
se sabedes novas do meu amigo?
ai, Deus, e u é?
Ai, flores, ai flores de verdes ramos,
se sabedes novas do meu amado?
ai, Deus, e u é?
Vos me preguntades polo voss'amigo?
E eu ben vos digo que é sã e vivo:
ai, Deus, e u é?
Vós me preguntades polo voss'amado?
E eu ben vos digo que é viv' e são:
ai, Deus, e u é?*

CANTIGA DE AMOR (João Garcia de Guilhade)

*A boa dona por que eu trobaba
e que non dava nulha ren por mi
pero s'ela de mim ren non pagava
sofrendo coita, sempre a servi,
E ora já por ela 'nsandeci*

LENDA DO REI LEIR (SÉC. XIV)

Quando foi morto rrey Balduc, o voador, rreynou seu filho que ouue nome Leyr non ouue filho, mas ouue tres filhas muy formosas e amauas muito. e hum dia ouue sas rrazões com ellas e disse-lhes que lhe dissessem quall dellas o amaua mais. Disse a mayor que nom auia cousa no mundo que tanto amasse como elle, e disse a outra que o amaua tanto como ssy meesma, e disse a terceira que era a meor, que o amaua tanto como deue amar filha a padre. E elle quislhe mal poe en, e por esto nom lhe quis dar parte no rreyno.

ENXEMPRO DHUA MONJA

Foy em outro tenpo hua monja devota, fremosa de corpo e de coração, e atre as outras fremosuras que auia tijinha muy fremosos olhos. O senhor da terra a vyo e qujsea auer per amores, mes nõ pode, e mandouha rroubar per sua gente. E ella, quando os uyo, temeos muyto, e preguntouhos por que a amaua seu senhor mais que as outras. E elles rresponderom: Senhora, por vossos olhos. E ella os fez logo thirar, e enujoulhos e mandoulhe dizer que já auia o que deseiaua, que daquello fizesse sua uoontade. E ella amou mais perder fremosura do corpo que da alma.

Aqui chegamos ao final da disciplina de Latim Vulgar. Esperamos que esta viagem ao passado tenha contribuído para seu Curso de Letras e que possa ajudá-lo a compreender melhor a nossa língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**: história externa das línguas. São Paulo: EDUSP, 2001.
- BOURCIEZ, Édouard. **Latim**: elemento número um da linguística românica. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: CIEFIL, 2000.
- BURKE, Peter. **A arte da conversação**. São Paulo: UNESP, 1995.
- BURKE, Peter. **Linguagem, indivíduo e sociedade**. História social da linguagem. Tradução de Álvaro Luiz Hattnher. São Paulo: EdUNESP, 1993.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Princípios de linguística geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao latim**. São Paulo: Ática, 1989.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1968.
- ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita**. Tradução de Antonio Angonese. 2.ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1972.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 1992.
- LEITE DE VASCONCELOS, José. **Textos arcaicos**. Lisboa, 1959.
- LEROY, Maurice. **As grandes correntes da linguística moderna**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. **O problema do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.
- MOUNIN, Georges. **História da linguística**; das origens ao século XX. Trad de F. J. Hopffer Rego. Porto: Despertar, 1970.
- SILVA NETO, Serafim da. **Fontes do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença, 1988.
- SILVA NETO, Serafim da. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

SPAGGIARI, Barbara. *Il latino volgare*. In: CAVALLO, G., LEONARDI, C., MENESTÓ, E. (Org). **Lo Spazio Letterario del Medioevo I**. Il medioevo latino, v. 1, La produzione del testo. Roma: Salerno, 1992. p. 81-119.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J.A.Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

VIDOS, Benedek Elemér. **Manual de linguística românica**; trad. José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR PARA LEITURA E PESQUISA:

BIZZOCCHI, Aldo Luiz. **Léxico e ideologia na Europa Ocidental**. São Paulo: Annablume, 1997.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CERQUILINI, Bernard. **O laboratório das línguas românicas**. Folha de São Paulo. 23 jul.1988. (Folhetim)

DELISLE, Jean Delisle, WOODSWORTH, Judith (Org.) **Os Tradutores na História**. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

DESBORDES, Françoise. **Concepções sobre a escrita na Roma antiga**. São Paulo: Ática, 1995.

ELIA, Silvio. **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.

ELIA, Silvio. **Preparação à linguística românica**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**; uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática, 1991.

IORDAN, Iorgu. **Introdução à linguística românica**. 2.ed. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1982.

JONES, Peter V. e SIDWELL, Keith C. **Reading Latin**. Tradução e adaptação de Mauri Furlan. Curitiba: UFPR, 2006

LABOV, William. **Sociolinguistique**. Paris: Minuit, 1976.

LANGACKER. **A linguagem e sua estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1980.

LAUSBERG, Heinrich. **Linguística românica**. 2.ed. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1981.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à filologia e à linguística portuguesa**. 6. ed.

MONTEIRO, José Lemos. **Dialetologia e diacronia**. Revista de Letras. Fortaleza, 14(1/2) jan./dez. 1989.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

STÖRIG, Hans Joachim. **A aventura das línguas**. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

TAGLIAVINI, Carlo. **Orígenes de las lenguas neolatinas**. México: Fondo de Cultura Económica, s.d..

TARALLO, Fernando. **Tempos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1990.

WALTER, Henriette. **A aventura das línguas no ocidente**. Tradução de Sérgio Cunha Santos. São Paulo: Mandarim, 1997.

WEBSITES:

http://commons.wikimedia.org/wiki/Scavi_archeologici_di_Pompei#Inscriptions

http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/origens_lex_port.pdf

<http://cvc.instituto-camoes.pt/tempolingua/04.html>

http://super.abril.com.br/superarquivo/1990/conteudo_112118.shtml

http://super.abril.com.br/superarquivo/2000/conteudo_132539.shtml

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4245784,00.html>

<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF%2057.html>

[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2\(4\)45-51.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2(4)45-51.html)

<http://www.filologia.org.br/soletras/4/07.htm>

<http://www.linguaportuguesa.ufrn.br/>

<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/palestras/ruymaga-lhaesdearaujo.pdf>

anexo

MINI-GLOSSÁRIO

ADSTRATO = língua que coexiste com outra, influenciando-a e sendo influenciada por ela, em vários níveis (léxico, fonética, sintaxe, etc.).

AFÉRESE (do gr. *aphaíresis*, «supressão») = fenômeno fonético que consiste na supressão de um fonema ou de uma sílaba no início de uma palavra.

APÓCOPE (do gr. *apokopé*, «corte») = fenômeno fonético que consiste na eliminação de um fonema ou de uma sílaba no final de um vocábulo.

ÁRABE (do lat. *aràbe*-) = natural da Arábia, nascido na península arábica ou nas regiões vizinhas; relativo ou pertencente a essas regiões; língua semítica falada pelos árabes; escrita que utiliza o alfabeto usado pelos povos árabes.

BÁRBARO (do gr. *bárbaros*, «estrangeiro») = antigos povos do norte que invadiram o império romano do ocidente; estrangeiros em geral, em relação aos antigos gregos e romanos.

BERBERES = povo nômade da região africana da Berberia e do deserto do Saara, que se converteram ao islamismo.

BORGONHA (do lat. *Burgundia*-) = região a leste da Gália.

ISLÃO (do árabe, *islam*, «resignação à vontade de Deus»); **ISLAMISMO** (*islame*+*-ismo*) = religião monoteísta fundada pelo profeta árabe Maomé cuja doutrina se encontra codificada no Corão, o livro sagrado dos muçulmanos.

MAOMETISMO = movimento político e religioso de expansão da religião árabe.

CASTELHANO (do cast. *castellano*, «natural de Castela») = língua românica falada na Espanha e em alguns países da América Latina.

CONSONANTIZAÇÃO = transformação do som de uma vogal ou semivogal em consoante.

CRUZADA = expedição empreendida pelos cristãos, na Idade Média, que tinha como objetivo libertar os lugares santos, e designadamente Jerusalém, do poder islâmico.

DOGMA (do gr. *dógma*, *-atos*, «decisão; decreto») = doutrina proclamada como fundamental e incontestável; ponto fundamental de doutrina; opinião imposta pela autoridade e aceite sem crítica nem exame; proposição apresentada como irrefutável.

DOCTRINA (*do lat. doctrina-*) = conjunto de princípios em que se baseia uma religião, um sistema político ou filosófico; ensino dos dogmas, mistérios e preceitos do catolicismo; catequese, conhecimento vasto; saber; erudição; norma; disciplina.

ECLESIAÍSTICO (*do lat. ecclesiasticu-*) = adj. relativo à igreja ou ao clero.

ECDÓTICA = arte de descobrir e corrigir os erros que um texto sofreu após várias edições, com o objetivo de restabelecer o texto original ou de preparar a sua edição crítica.

ELISÃO (*do lat. elisión-*, «*elisão*») = supressão de um ou mais fonemas num vocábulo.

EPÊNTESE (*do gr. epénthesis*, «*intercalação*», «*adição de letra ou de sílaba*») = fenômeno fonético que consiste na adição de um fonema ou de uma sílaba no meio de uma palavra.

EPIGRAFIA (*do gr. epigraphé*, «*inscrição*») = ciência ou estudo das inscrições antigas, em pedra, madeira, etc.

ESLAVO (*do lat. med. slav-*) = povo que se estabeleceu no centro, leste e sudeste da Europa.

ETNOLÓGICO (*do gr. éthnos*, «*raça*», «*etnia*») = relativo ao estudo dos povos integrados no contexto dos seus agrupamentos naturalmente constituídos: a linguística, a antropologia, o folclore, etc.; antropologia cultural.

ETRUSCO = da Etrúria, ou relativo a esta região da Itália.

EURO-ASIÁTICO = relativo à Europa e Ásia.

FONÉTICO (*do gr. phonetikós*, «*relativo ao som ou à voz*») = fonética

GALAICO-PORTUGUÊS, ou **GALEGO-PORTUGUÊS** = que diz respeito à Galiza e a Portugal; língua românica falada no noroeste da Península Ibérica até meados do séc. XIV.

GERMÂNICO = da Germânia (antiga região da Europa central, ou referente a ela).

GRAFITO = inscrição em paredes e monumentos antigos; palavra, frase ou desenho, normalmente de caráter jocoso, informativo, contestatário ou obsceno, em muro ou parede de local público.

HAGIOGRÁFICO (*do gr. hagiógraphos*, «*que trata de coisas santas*») = estudo dos escritos que contam a vida dos santos.

INDO-EUROPEU = relativo à Europa e à Índia; língua que supostamente está na origem da maior parte das línguas faladas na Europa e outras de outros continentes.

LÉXICO (*do gr. *lexikón*, «relativo às palavras»*) = conjunto das palavras de uma língua.

MÉTODO (*do gr. *méthodos**) = programa que antecipadamente regulará uma sequência de operações a executar, com vista a atingir certo resultado; modo de proceder; esforço para atingir um fim; sistema educativo ou conjunto de processos didáticos.

MONOGÊNESE (*do gr. *mónos*, «único» + *gênesis*, «geração»*) = geração direta em que os seres vivos se desenvolvem sem metamorfoses ou fases alternantes.

PALEONTOLOGIA = ciência que estuda evidências da vida pré-histórica preservadas em rochas, fósseis, etc.

PARAGOGUE = fenômeno fonético que consiste na adição de um fonema ou de uma sílaba não etimológicos no fim de uma palavra.

PERSA = relativo à Pérsia

PRÉ-ROMÂNICO = antes da chegada dos romanos.

PROTOLÍNGUA = o ancestral comum de uma família de línguas.

PROVENÇAL = da Provença, antiga província francesa.

ROMANÇO = linguagem que precedeu cada uma das línguas neolatinas.

ROMÂNIA = área ocupada pelas línguas românicas, isto é, os idiomas de origem latina.

SÂNSCRITO (*do sânscr. *samskrta*, «perfeitamente construída»*) = antiga língua dos brâmanes, a mais antiga língua da família indo-europeia.

SUBSTRATO = língua falada em determinada área geográfica e que, tendo sido substituída por outra língua, deixou nesta diversas influências.

SUPERSTRATO = língua que, ao ser introduzida numa determinada área geográfica, se dissolve na língua aí falada, deixando, no entanto, marcas nesta em vários níveis (léxico, fonética, sintaxe, etc.).